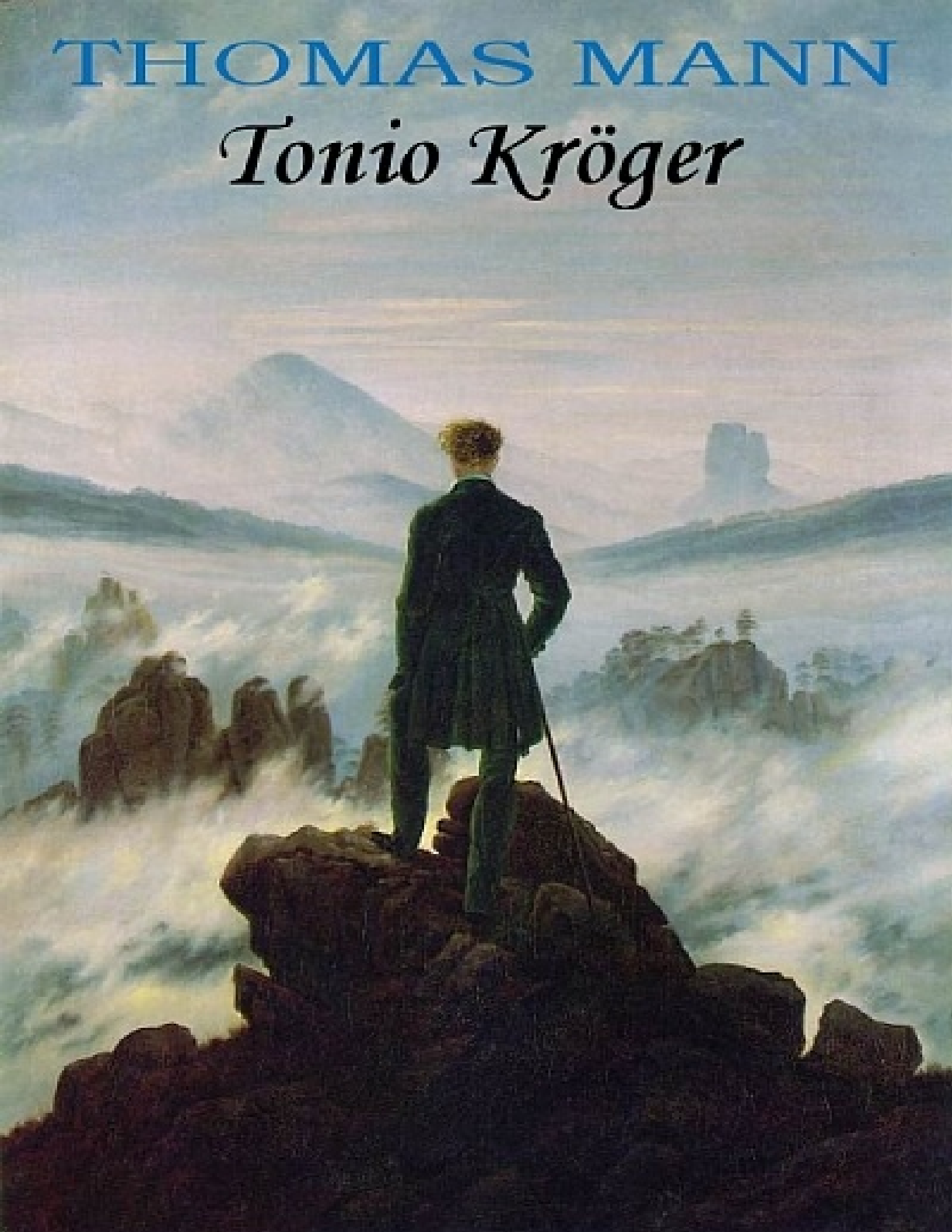
THOMAS MANN

Tonio Kröger



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***lelivros.love*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Thomas Mann

(1875-1955)



Tonio Kröger

Novela

1903

Tradução

Maria Deling

Abril Cultural, 1971

Tonio Kröger

O sol de inverno era apenas um pobre brilho leitoso e débil atrás das camadas de nuvens sobre a cidade acanhada.

Molhadas e ventosas estavam as ruas, de casas com esguias cumeeiras, e, de vez em quando, caía uma espécie de granizo, nem gelo nem neve.

A escola terminara. Por sobre o pátio cimentado e pelo portão corriam os bandos de libertados, dividiam-se e se afastavam para a direita e esquerda. Os alunos mais crescidos seguravam, com dignidade, suas trouxinhas de livros apertadas ao ombro esquerdo, remando com o braço direito contra o vento e de encontro ao almoço; os petizes se punham alegremente a caminho, fazendo o mingau de gelo respingar em volta deles e os sete instrumentos da ciência baterem dentro das pastas de couro de foca. Mas, de vez em quando, com expressão de beatitude nos olhos, todos arrancavam o boné para um professor de chapéu alto e barba de Júpiter que caminhava com passos comedidos...

— Afinal, você não vem, Hans? — disse Tonio Kröger, que esperara longamente no meio-fio. E sorrindo foi ao encontro do amigo, que, conversando com outros colegas, saía pelo portão e já estava com o intuito de afastar-se na companhia destes...

— O que é? — perguntou Hans olhando para Tonio.

— Ah! Sim, é verdade! Pois bem! Vamos passear ainda um pouco.

Tonio calou-se e seus olhos se turvaram. Era possível ter-se Hans esquecido e só agora lembrado de que hoje à tarde deveriam passear um pouco" ele, ao contrário, desde que marcaram o encontro, quase ininterruptamente, ficara em alegre expectativa...

— Bem! Adeus — disse Hans aos colegas. — Vou andar um pouco com o Kröger. — E os dois se dirigiram para a esquerda, enquanto os outros se afastaram vagarosamente para a direita.

Hans e Tonio tinham tempo para passear depois das aulas porque ambos pertenciam a casas onde só se almoçava às 4 horas. Seus pais eram grandes comerciantes, ocupavam cargos públicos e eram poderosos na cidade.

Aos Hansen, já há algumas gerações, pertenciam os extensos depósitos de madeira lá embaixo junto ao rio, onde serras formidáveis, rosnando e sibilando, cortavam os troncos. Tonio era filho do Cônsul Kröger, cujos sacos de cereais, levando o nome da firma impresso em preto e com grandes letras, podiam ser vistos, dia após dia, transportados pelas ruas; e a casa grande e velha de seus antepassados era a mais senhorial de toda a cidade...

Constantemente os dois amigos, rapazes de catorze anos, tinham de tirar o boné devido aos muitos conhecidos, e até eram cumprimentados primeiro, por algumas pessoas.

Ambos, com as pastas escolares penduradas sobre os ombros, estavam bem vestidos e agasalhados; Hans usava um. paletó curto à moda de marinheiro, sendo que sobre os ombros e as costas aparecia a gola larga e azul do seu terno do mesmo estilo; e Tonio estava de paletó cinza, cintado. Hans usava um boné de marinheiro dinamarquês com fitas pretas, do qual aparecia um topete de seu cabelo de um louro-palha. ele era extraordinariamente bonito e bem feito, largo nos ombros e fino na cintura, com olhos de um azul-ferrête e penetrantes. Mas embaixo do redondo boné de pele de Tonio apareciam, num rosto moreno afilado e tipicamente sulino, uns olhos escuros, levemente sombreados, com pálpebras pesadas demais, sonhadores e um tanto temerosos... Boca e queixo eram formados de uma suavidade fora do comum. Seu andar era negligente e desigual, enquanto as pernas esguias de Hans, dentro das meias pretas, caminhavam com elasticidade e ritmo.

Tonio não falava. Sentia mágoa. Franzindo as sobrancelhas, ligeiramente oblíquas, e conservando os lábios arredondados para assobiar, olhava com a cabeça virada de lado, para o infinito. — Esta atitude e expressão lhe eram peculiares.

Repentinamente Hans enfiou seu braço no de Tonio e ao fazê-lo — olhava-o de soslaio, pois sabia perfeitamente do que se tratava. Tonio ainda continuou calado durante os passos seguintes, apesar de sentir imediatamente amenizar-se sua disposição.

— Eu não tinha esquecido, Tonio — disse Hans, olhando para a calçada na sua frente. — Só pensei que hoje não ia ser possível porque tudo está muito molhado e está ventando. Mas eu não me importo e acho formidável você ter esperado por mim apesar disso.

Pensava até que você tivesse ido para casa e fiquei aborrecido...

Tudo em Tonio se transformou numa emoção saltitante e jubilosa, ouvindo estas palavras.

— Bem, agora vamos pelos diques, pelo Muehlenwall e Holstenwall, assim eu levo você para casa, Hans... Ora, não faz mal nenhum que depois eu volte sozinho;-outra vez você me acompanha.

No fundo, Tonio não acreditava muito no que Hans dissera, e sentia, nitidamente, que o outro só dava a metade da importância por ele dada ao passeio de ambos. Via, no entanto, que Hans se arrependia do seu esquecimento e se empenhava por reconciliá-lo. E ele estava longe do propósito de retardar a reconciliação...

O caso era que Tonio amava Hans Hansen, e já sofrera muito por causa dele. Aquele que mais ama é o subjugado e tem que sofrer. Esta lição simples e mais dura que sua alma de catorze anos já recebera da vida. E ele era de um feitio que guardava bem tais experiências, tomava nota interiormente, por assim dizer, e, de certo modo, tinha sua alegria nelas, sem, obviamente, dirigir-se por elas e delas tirar proveitos práticos. Acontecia, também, considerar mais essenciais e interessantes estas lições do que os ensinamentos que lhe impunham na escola. Sim, chegava mesmo a ponto, na maioria das vezes, de se ocupar durante as aulas, nas salas de arqueamento gótico, em sentir esses reflexos até o âmago e excogitá-los completamente. E esta ocupação lhe dava uma satisfação bem idêntica à de quando, andando pelo quarto, tirava do seu violino os sons mais suaves que conseguia produzir, fazendo-os confundir com o murmúrio do repuxo, cujo jato se elevava bailando, embaixo, no jardim, sob os galhos da velha nogueira...

O repuxo, a velha nogueira, seu violino e, além, o mar, o mar Báltico, cujos sonhos de verão lhe era permitido devanear em suas férias, estas eram as coisas que ele mais amava, com as quais se identificava e entre as quais se desdobrava a sua vida íntima; coisas cujos nomes podiam ser aproveitados, com bom efeito, em versos, e, de fato, sempre ressoavam nos versos que Tonio Kröger de vez em quando compunha.

Que possuía um caderno de versos escrito por ele, foi descoberto por sua própria culpa, prejudicando-o muito perante os seus colegas, assim como ante os professores. Ao filho do Cônsul Kröger parecia, de um lado, tolo e vulgar chocarem-se com isto, e assim desprezava ele tanto os colegas como os professores, cujo comportamento, de qualquer maneira, o repelia e cujas fraquezas pessoais ele penetrava com estranha perspicácia. De outro lado, ele mesmo sentia que fazer versos era extravagante e um tanto inconveniente, e tinha que dar razão, por assim dizer, a todos aqueles que achavam estranha essa ocupação. Porém, isto não o impedia de fazê-los.

Como em casa nada fazia e durante as aulas sua atenção era vaga e desviada, era mal visto pelos professores, e suas notas miseráveis, por causa das quais seu pai, um senhor alto e cuidadosamente vestido, de olhos azuis pensativos, e que sempre usava uma flor campestre na lapela, se zangava bastante e demonstrava preocupação. Mas, para a mãe de Tonio, sua mãe bonita, de cabelos negros, que tinha o nome de Consuelo e que de qualquer maneira era tão diferente das outras senhoras da cidade, porque seu pai, há tempos, fora buscá-la bem lá embaixo no mapa, para ela os seus boletins eram completamente indiferentes...

Tonio amava sua mãe, morena e fogosa, que tocava tão maravilhosamente piano e bandolim, e sentia-se feliz porque ela não se preocupava com a posição dúbia que ele tinha entre os homens. Mas sentia que a ira do pai era bem mais digna e respeitável e, apesar de receber dele sermões, no fundo concordava com ele, achando a indiferença da mãe um tanto negligente.

Às vezes, pensava mais ou menos assim: “Basta eu ser como sou e não querer nem poder modificar-me, indolente, rebelde e dado a coisas nas quais ninguém mais pensa. Ao menos, é necessário que me repreendam seriamente e me castiguem por isto, e que não passem por cima de tudo com beijos e música. Afinal de contas, não somos os ciganos do carro verde, mas pessoas decentes, os cônsules Kröger, a família Kröger...”

Não raras vezes também pensava: “Por que sou tão esquisito, em conflito com tudo, em desavença com os professores, e estranho entre os outros meninos? Olhe os alunos, os bons e os de sólida mediocridade. Não acham os professores engraçados, não fazem versos e só pensam em coisas em que a gente afinal pensa e que podem ser ditas em voz alta. Como se devem sentir bem comportados e de acordo com todos! Deve ser bom... Mas que se passa comigo? E como tudo terminará?”

Este procedimento de observar-se a si mesmo e em sua relação à vida desempenhava um papel importante no amor de Tonio por Hans Hansen. Amava-o primeiro porque era belo; mas depois porque lhe parecia, em todos os pontos, seu oposto e contraste. Hans Hansen era um aluno excelente e, além disso, um companheiro alegre que montava a cavalo, fazia ginástica, nadava como um herói e era muito popular. Os professores tratavam-no quase com carinho, chamavam-no pelo nome de batismo e ajudavam-no de todas as maneiras.

Os colegas procuravam sua estima, e na rua cavalheiros e senhoras paravam e pegavam no topete de seu cabelo louro-palha, que aparecia debaixo do boné de marinheiro dinamarquês, e diziam: “Boa tarde, Hans Hansen, do topete bonito. Ainda é o primeiro da classe9 Dê lembranças ao papai e à mamãe, meu esplêndido menino!...”

Assim era Hans Hansen, e, desde que Tonio Kröger o conhecera, sentia ciúmes assim que o via, uma nostalgia invejosa, que se aninhava acima do peito e ardia.

“Quem me dera ter olhos tão azuis”, pensava, 44 e viver em harmonia e em feliz comunhão com todo o mundo, como ele! Sempre está ocupado de maneira digna, respeitada por todos. Quando ele termina suas lições de casa, toma aulas de equitação ou faz algo com a serra de trabalhos manuais, e mesmo nas férias à beira-mar o seu tempo é ocupado em remar, velejar e nadar,

enquanto eu fico deitado na areia, ocioso e perdido, de olhar fixo para o misterioso e mutável jogo de expressão que desliza sobre a face do mar. Por isso seus olhos são tão límpidos. Ser como Hans... — ele não tentava tornar-se como Hans Hansen, e talvez, intimamente, este desejo não fosse levado muito a serio por ele. Mas ansiava, dolorosamente, ser amado por Hans assim falho como era, e para isto cortejava-o à sua maneira. Uma maneira lenta e amorável, dedicada, sofredora e melancólica, porém de uma melancolia que pode arder e consumir mais profundamente do que todas as paixões, o que seria mais de se esperar de sua aparência estrangeira.

E não o cortejava completamente sem resultado, pois Hans, que aliás admirava nele uma certa superioridade, uma verbosidade que possibilitava a Tonio expressar coisas difíceis, compreendia bem que aí existia para ele um sentimento fora do comum, forte e delicado.

Mostrava-se grato, causando a Tonio alguma felicidade com sua aproximação — mas, também, algum pesar por ciúmes, desilusão, e pelo esforço inútil para conseguir estabelecer uma comunhão espiritual. Pois o estranho era que Tonio, invejando de Hans Hansen o seu modo livre de viver, constantemente tentava puxá-lo para o seu próprio modo, o que só se dava por momentos e, mesmo assim, só aparentemente...

— Li agora uma coisa maravilhosa, algo magnífico... — disse ele. Andavam e chupavam balas de frutas que haviam comprado na loja do Senhor Iversen, na Rua do Moinho, por 10 *pfennige*. — Você precisava ler, Hans, porque se trata de Dom Carlos, de Schilá... Eu empresto, se você quiser...

— Oh! Não — disse Hans Hansen —, deixe isto, Tonio, não serve para mim. Fico com os meus livros sobre cavalos, sabe? Há neles fotografias formidáveis, digo-lhe. Quando você estiver lá em casa eu os mostro a você. São instantâneos e vêem-se os cavalos no trote, no galope e no salto; em todas as posições que na realidade não se consegue ver porque são muito rápidas.

— Em todas as posições? — perguntou Tonio com cortesia. — Sim, deve ser bonito. Mas, voltando a Dom Carlos, a obra passa além de qualquer concepção— Há trechos nele, sabe?, que são tão belos e arrebatam de tal maneira que parecem dar um estrondo...

— Dá um estrondo? — perguntou Hans Hansen.

— Como assim?

— Há por exemplo a parte onde o rei chorou porque fora traído pelo marquês... Mas o marquês só o traíra por dedicação ao príncipe, por quem ele se sacrificara, compreende? Então vem a notícia, do gabinete para a antecâmara, de que o rei chorou. Todos os cortesãos estão perplexos, e a gente fica tão comovido, porque ele é um rei terrivelmente rígido e severo.

Mas compreende-se tão bem porque chorou, e a mim me dá mais pena do que sinto pelo príncipe e o marquês reunidos. Está sempre tão só e sem amor, e agora pensa que encontrou um amigo e é traído por este...

Hans Hansen olhou de soslaio para o rosto de Tonio e qualquer coisa neste rosto devia ter-lhe despertado o interesse pelo assunto, pois, repentinamente, enfiou de novo o braço no do amigo e perguntou: — De que modo ele o traiu, Tonio?Tonio entusiasmou-se.

— Bem! O caso é — começou a falar — que todas as cartas para Brabante e Flandres...

— Aí vem Erwin Jimmerthal — disse Hans.

Tonio calou-se. “Que a terra engula”, pensou, “esse Jimmerthal! Por que tem que vir e nos incomodar9 Oxalá não venha conosco e não fale das aulas de equitação durante todo o caminho...”

Erwin Jimmerthal também tinha aulas de equitação. Era o filho do diretor do banco e morava lá adiante defronte ao nortal. Com suas pernas tortas e olhos-estreitos, já sem sua pasta escolar, vinha pela alameda, ao encontro deles.

— Boa tarde, Jimmerthal — disse Hans. — Estou passeando um pouco com o Kröger...

— Tenho que ir à cidade — disse Jimmerthal para fazer uma compra. Mas eu acompanho vocês um trecho... O que vocês têm aí são balas de frutas? Sim, obrigado, aceito algumas. Amanhã teremos novamente aula, Hans. — Referia-se à aula de equitação.

— Formidável! — disse Hans. — Sabe, eu vou ganhar agora as polainas de couro porque tirei a melhor nota no exercício.

— Você não tem aulas de equitação, Kröger? — perguntou Jimmerthal, e seus olhos eram apenas duas festas brilhantes...

— Não — respondeu Tonio, em tom indeciso.

— Você devia pedir ao seu pai para também ter aulas, Kröger — mencionou Hans Hansen.

— Sim... — disse Tonio, apressado e ao mesmo tempo indiferente. Durante um momento sua garganta se fechou, porque Hans o chamara pelo nome de família e Hans pareceu sentir isto, explicando:

— Chamo você de Kröger por ser o seu nome tão maluco, desculpe, mas não gosto dele. Tonio... isto nem é nome. Bem, você não tem culpa, Deus o livre!

— Não! É provável que você em princípio se chame assim, porque tem um som tão estrangeiro e é algo esquisito... — disse Jimmerthal, e fingiu estar falando para o bem.

Os lábios de Tonio tremeram. Controlou-se e disse: — Sim, é um nome ridículo, preferia, Deus sabe, chamar-me Henrique ou Guilherme, podem acreditar. Mas acontece que me batizaram com o nome de um irmão de minha mãe que se chama Antonio, pois minha mãe, como sabem, é do estrangeiro...

Depois calou-se e deixou os dois falarem sobre cavalos e material de couro. Hans dera o braço a Jimmerthal e falava com animado interesse, interesse esse que nunca poderia ter sido despertado para Dom Carlos...

De vez em quando Tonio sentia como que vontade de chorar, o que lhe fazia comichão no nariz; também tinha dificuldade de controlar seu queixo, que constantemente teimava em tremer...

Hans não gostava do seu nome — que se podia fazer? Ele se chamava Hans e Jimmerthal, Erwin, bom, eram nomes reconhecidos por todos, a ninguém causando estranheza. Mas Tonio era algo estrangeiro e singular, quisesse ou não, e estava só e excluído de tudo o que era normal e comum, apesar de não ser um cigano num carro verde, e sim, o filho do Cônsul Kröger... Mas por que Hans o chamava de Tonio quando estavam a sós, envergonhando-se dele quando se juntava a um terceiro? Às vezes parecia íntimo e cativante, sim. “De que modo ele o traiu, Tonio?”, tinha perguntado, e lhe dera o braço; mas, quando Jimmerthal aparecera, respirara aliviado, abandonara-o e sem pesar criticara o seu nome de batismo. Como doía perceber tudo isto!... Hans Hansen no fundo gostava um pouco dele quando estavam a sós, isto sabia. Mas, aparecendo um terceiro, envergonhava-se disso e o sacrificava. E novamente sentia-se sozinho. Pensou no Rei Filipe. O rei chorara...

— Cruzes! — disse Erwin Jimmerthal — agora tenho mesmo que ir à cidade! Até logo, e obrigado pelas balas de frutas!

Depois, pulou num banco que estava no caminho, correu sobre ele com suas pernas tortas e afastou-se.

— Jimmerthal me agrada! — disse Hans com ênfase.

Tinha um modo mimado e arrogante de declarar suas simpatias e aversões, distribuindo-as com condescendência, por assim dizer... Depois continuou a falar sobre a aula de equitação, porque estava de vento em popa. Também não estava muito longe a casa dos Hansen, o caminho sobre os diques não tomava muito tempo. Seguravam seus bonés e inclinavam as cabeças contra o vento forte e úmido que rangia e gemia nos galhos despidos das árvores. E Hans Hansen falava enquanto Tonio só intercalava um vago “Ah” e “Sim, sim”, sem sentir alegria por lhe ter Hans novamente dado o braço, no arrebatamento da conversa, pois era apenas uma aproximação simulada, sem importância.

Depois, perto da estação ferroviária, abandonaram o caminho dos diques e observaram um trem, que passava bufando como tosca diligência. Contaram os

vagões por divertimento e acenaram para o homem que estava sentado no último carro, bem no alto, embrulhado no seu casaco de peles. E rio Largo das Tílias, em frente à vila do atacadista Hansen, pararam e Hans mostrou, com minúcia, como era divertido ficar de pé em cima do portão e balançar-se com o vaivém dos gonzos, que rangiam num ruído infernal. Depois disto ele se despediu.

— Bem! Agora preciso entrar — disse. — Até logo, Tonio. De outra vez eu levo você para casa, pode estar certo.

— Até logo, Hans — disse Tonio —, foi agradável passear.

Suas mãos, que se apertavam, estavam molhadas e sujas com a ferrugem do portão do jardim. Mas quando Hans olhou os olhos de Tonio, apareceu algo como uma lembrança arrependida no seu rosto bonito.

— Em breve vou ler Dom Carlos! — disse rapidamente. — Aquele trecho do rei no gabinete deve ser formidável!

Depois, pegou sua pasta, colocou-a embaixo do braço e correu pelo jardim. Antes de desaparecer dentro de casa, acenou mais uma vez para trás com a cabeça.

E Tonio Kröger partiu, transfigurado e alado. O vento empurrava-o pelas costas, mas não era só por isso que se movia com tanta facilidade.

Hans leria Dom Carlos e então teriam algo em comum sobre que nem Jimmerthal nem outro qualquer poderia falar! Como se compreendiam bem! Quem sabe — talvez ainda conseguiria que ele fizesse versos?...

Não, não, isto não queria! Hans não devia ficar como Tonio mas continuar como era, tão claro e forte como todos o amavam e Tonio mais do que os outros! Mas que lesse Dom Carlos, não lhe faria nada mal... E Tonio passou sob o velho e baixo portal, andou pelo porto e subiu a rua íngreme, ventosa e molhada para a casa de seus pais.

Naquela ocasião seu coração vivia; havia saudade nele e uma inveja melancólica e um pouquinho de desprezo e uma felicidade de absoluta pureza.

A loura Inge, Ingeborg Holm, filha do Dr. Holm, que morava na Praça do Mercado, lá onde se encontrava o poço em estilo gótico, alto e pontudo, era a ela que Tonio Kröger amava quando tinha dezesseis anos.

Como aconteceu isso? Ele a vira mil vezes; porém, uma noite viu-a sob uma certa iluminação; viu como, em animada conversa com uma amiga, jogara a cabeça para o lado, e de um certo modo travesso levara a mão, não muito delgada nem especialmente fina e pequena mão de moça, à nuca, movimento este que fez a manga de gaze branca deslizar do seu cotovelo; ouviu-a acentuar uma palavra, uma palavra indiferente, de um certo modo, tendo sua voz um som quente; e um êxtase dominou seu coração, muito mais forte do que aquele que

sentira outrora quando, uma vez por outra, observava Hans Hansen, naquele tempo, quando ainda era um pequeno menino bobo.

Nesta noite levou consigo sua imagem, com a loura e grossa trança, com os olhos azuis, oblíquos e risonhos, com um selim de sardas, delicadamente marcado, sobre o nariz, e não conseguia dormir porque ouvia o som de sua voz, tentava baixinho imitar a entonação com a qual pronunciava a palavra e ao fazê-lo sentia-se arrepiar. A experiência fê-lo saber que era o amor, apesar de ter certeza de que o amor deveria trazer-lhe muita dor, tormentos e humilhações, e que além disso destruía a paz e deixava o coração transbordar com melodias sem que encontrasse sossego para dar forma a alguma coisa e tranquilamente forjar uma peça inteiriça. Assim mesmo aceitava-o, entregava-se completamente e zelava por ele com as forças de sua alma, pois sabia que o amor enriquecia e dava vida e ele ansiava por ser rico e vivo em vez de na tranquilidade forjar algo concreto...

O encantamento de Tonio Kröger pela alegre Inge Holm deu-se no salão, esvaziado, da Consulesa Husteede, a quem cabia dar a aula de dança naquela noite, pois era um curso particular no qual só os filhos das primeiras famílias tomavam parte, reunindo-se na casa dos pais a fim de receber lições de dança e boas maneiras. Para isso, todas as semanas, vinha especialmente de Hamburgo o mestre de ballet, Knaak.

Seu nome era François Knaak, e que homem era!

“J’ai l’honneur de me vous présenter”, dizia, “mon nom est Knaak...”* [*Tenho a honra de apresentar-me. Meu nome é Knaak.*]

E isto não se pronuncia quando se faz a reverência, mas quando se está de novo ereto — baixo, porém compreensível. Não se está diariamente na situação de ter que se apresentar em francês, mas sabendo-se fazê-lo de maneira correta e perfeita neste idioma, não se ter nenhuma dificuldade em fazê-lo em alemão.

Com que elegância o fraque de seda preta se amoldava aos seus gordos quadris! As pernas das calças caíam em pregas macias sobre os sapatos de verniz enfeitados com largos laços de cetim, e seus olhos castanhos olhavam com uma felicidade cansada em torno de sua própria beleza.

Todos sentiam-se intimidados pelo excesso de sua segurança e boas maneiras. Andava — e ninguém andava como ele, elástico, ondeante, oscilante, regiamente. — “Eu tenho a honra de apresentar-me”, dizia, de encontro à dona da casa, inclinava-se e esperava que lhe estendesse a mão. Se isto acontecia, agradecia com voz baixa, dava um passo flexível para trás, girava sobre o pé esquerdo, lançava o direito, com a ponta para baixo, ido assoalho para o lado, e afastava-se, balouçando as cadeiras.

Ao deixar uma reunião, ia-se de costas para a porta, inclinando-se; não apanhava a cadeira pegando-a por uma perna, arrastando-a pelo assoalho, mas carregava-a, segurando-a ligeiramente pelo encosto, e depositava-a, sem ruído. Não ficava em pé com as mãos cruzadas sobre a barriga, empurrando a língua para um canto da boca. Se fazia isto, o Senhor Knaak tinha uma maneira de imitar o gesto de tal modo que, para o resto da vida, sentia-se aversão a ela...

Isso era tato. Mas no que se referia à dança o Senhor Knaak talvez ainda a dominasse em grau mais alto. No salão vazio ardiam as luzes de gás no lustre e as velas sobre a lareira, o assoalho estava empoado de talco e os alunos estavam de pé num mudo semicírculo. Mas, além dos reposteiros, na sala contígua, estavam sentadas, sobre cadeiras de pelúcia, as mães e tias, observando por suas lunetas como o Senhor Knaak, em pose inclinada, apanhava e segurava com dois dedos a bainha do seu fraque e, com pernas elásticas, demonstrava as partes isoladas da mazurca. Se, porém, tencionava deixar o seu público completamente estupefato, saltava repentinamente do chão, sem razão alguma, fazendo suas pernas girarem no ar numa velocidade estonteante, por assim dizer, trinando com os mesmos, depois do que voltava a esta terra numa queda abafada que todavia fazia tudo tremer nos seus ângulos...

“Que macaco incompreensível”, pensava Tonio Kröger. Mas via como Inge Holm, a alegre Inge, muitas vezes ficava seguindo os movimentos do Senhor Knaak com um sorriso absorto, e não só por isso, este belo domínio do corpo, no fundo, conseguia infundir-lhe uma certa admiração. Como eram calmos e imperturbáveis os olhos do Senhor Knaak! Não olhavam dentro das coisas, até lá onde ficavam complicados e tristes; nada sabiam, a não ser que eram castanhos e bonitos. Mas por isso seu porte era tão orgulhoso! Sim, era preciso ser tolo para poder andar como ele; e então se era amado, porque se era amável. Compreendia tão bem que Inge, a loura e doce Inge, olhava para o Senhor Knaak como o fazia. Mas será que nunca uma moça olharia assim para ele mesmo?

Oh! sim, isto acontecia. Havia Madalena Vermehren, a filha do advogado Vermehren, com a boca suave e grandes olhos escuros, serenos e sonhadores, Caía muitas vezes durante a dança, mas procurava-o quando era “escolha de damas”; sabia que ele fazia versos, pedira por duas vezes que lhos mostrasse, e muitas vezes olhava-o de longe com a cabeça inclinada. Mas de que lhe servia isso? ele, ele arriava Inge Holm, a loura e alegre Inge, que por certo o desprezava por escrever coisas poéticas... Olhava para ela, via seus olhos azuis e oblíquos cheios de felicidade e ironia, e uma saudade invejosa, uma dor acre, oprimente, sabendo-se excluído e eternamente estranho a ela, se aninhava no seu peito e ardia...

— Primeiro casal en avant — dizia o Senhor Knaak, e não há palavras para descrever com que maravilha produzia o som nasal. Ensaiavam a quadrilha, e, para profundo susto de Tonio Kröger, encontrou-se com Inge Holm no mesmo quadrado. ele evitava-a como podia e mesmo assim se encontrava constantemente em sua proximidade; proibia os seus olhos de se aproximarem dela e mesmo assim seu olhar constantemente caía sobre sua pessoa... Agora ela se aproximava pela mão do ruivo Ferdinand Matthiessen, deslizando e correndo, jogava a cabeça para trás e, respirando aliviada, ficava na sua frente. O Senhor Fleinzelniann, o pianista, tocava no teclado com suas mãos ossudas, o Senhor Knaak comandava, a quadrilha começava.

Ela se movimentava na sua frente para lá e para cá, para a frente e para trás, andando e girando; um aroma, que vinha do seu cabelo ou da delicada fazenda branca de seu vestido, tocava-o de vez em quando, e seus olhos se turvavam mais e mais. “Eu amo você, querida, doce Inge”, dizia intimamente, e punha nestas palavras toda a dor que sentia por ela estar tão zelosa e alegre em dançar e não lhe dar atenção. Um lindo poema de Storm lhe ocorreu: “Queria dormir, mas você precisa dançar”.

Era atormentado pelo paradoxo humilhante que existia no fato de ter que dançar quando amava...

— Primeiro par en avant! — dizia o Senhor Knaak, pois vinha uma nova volta. — Compliment! Moulinet des dames! Tour de main! — E ninguém descreve de que maneira graciosa ele engolia o “e” mudo do “de”.

— Segundo par en avant! — Era a vez de Tonio Kröger e sua dama. — Compliment! — E Tonio Kröger curvou-se. — Moulinet des dames! — E Tonio Kröger, de cabeça baixa e cenho cerrado, colocou sua mão sobre as mãos das quatro damas, sobre a de Inge Holm, e dançou

Em volta começaram risos e gargalhadas. O Senhor Knaak fez uma pose de bailado que exprimia um horror estilizado.

— Oh! — exclamou. — Parem, parem!

Kröger perdeu-se entre as damas. En arrière, Senhorita Kröger, para trás, fi donc! Todos já compreenderam, só o senhor não. Saia! Para trás com o senhor! — E puxou dum lenço de seda amarela, enxotando com este a Tonio Kröger até o seu lugar.

Todos riram, rapazes, moças e as senhoras além dos postigos, pois o Senhor Knaak fizera algo extremamente engraçado do incidente e todos se divertiram como num teatro. Só o Senhor Heinzelmann esperava, com expressão seca e comercial, pelo sinal para continuar a tocar, pois já estava calejado contra os efeitos do Senhor Knaak.

Em seguida a quadrilha continuou. E depois veio o intervalo. A copeira entrou pela porta com a bandeja tilintando cheia de copos com geleia de uvas, e a cozinheira seguiu suas pegadas com um carregamento de bolo de passas. Mas Tonio Kröger afastou-se sorrateiro, foi secretamente até o corredor e lá ficou, em pé, com as mãos cruzadas nas costas, defronte a uma janela com a persiana descida, sem refletir que não se podia ver através dessas persianas, sendo portanto ridículo ficar em frente delas e fingir estar olhando para fora.

Mas ele olhava dentro de si, onde havia tanto amargor e nostalgia. Por que, por que se achava aqui? Por que não estava sentado no seu quarto, na janela, lendo Immensee 4, de Storin, e olhando de vez em quando para o jardim no crepúsculo, onde a velha nogueira rangia? Este teria sido seu lugar. Dançassem os outros, que eram vivos e hábeis!... Não, não, seu lugar, apesar de tudo, era aqui, onde sabia estar perto de Inge, mesmo estando solitário e afastado, tentando diferenciar, entre o murmúrio, tilintar e risos — dentro, a voz dela, que soava como a vida quente. Seus olhos, oblíquos e azuis, loura Inge! Ser tão bonita como você é só é possível quando não se lê Immensee* e nunca se tenta fazer uma obra igual; isto é o trágico!... [**O Lago de Immen*]

Ela deveria vir! Deveria perceber que ele se ausentara, deveria sentir o que se passava com ele, deveria segui-lo às escondidas, mesmo que só o fizesse por pena, colocar sua mão sobre seu ombro e dizer: “Entre e junte-se a nós, seja alegre, eu amo você”. E escutava e esperava, numa tensão irracional, que ela viesse. Mas ela não vinha de maneira alguma... Isto não aconteceria neste mundo.

Também ela rira dele como todos os outros? Sim, assim fizera, por muito que quisesse que não fosse verdade, por ela e por ele. E, no entanto, só dançara moulinet des dames por estar absorto com a presença dela.

E que importância tinha? Talvez um dia parassem de rir! Há pouco tempo uma revista não tinha aceito um poema seu, apesar de o poema não ter sido publicado, porque a revista falira antes? Chegaria o dia em que seria célebre, quando seria impresso tudo o que ele escrevesse, e daí veriam se impressionaria Inge Holm...

Não impressionaria, não, aí é que estava. Madalena Vermehren, que sempre caía, esta, sim. Mas nunca Inge Holin, nunca a alegre Inge de olhos azuis. E, portanto, não era tudo em vão?...

Tonio Kröger contraiu-se dolorosamente com este pensamento. Sentir como forças maravilhosamente tocantes e melancólicas se movem dentro de você e ao mesmo tempo saber que aqueles por quem você sente atração as confrontam com alegre hostilidade. Mas, apesar de estar isolado, excluído e sem esperanças em frente de uma persiana fechada, e de, na sua mágoa, fazer como

se pudesse olhar através delas, assim mesmo era feliz. Pois naquela ocasião seu coração vivia. Quente e triste batia por você, Inge Holm, e a alma dele envolvia sua loura, clara e travessa pequena personalidade vulgar, em ditosa abnegação.

Mais de uma vez ficara, com o rosto afogueado, em lugares isolados onde a música, o perfume das flores e o tinir dos copos só penetravam baixinho, e procurara, no ruído afastado da festa, distinguir o som de sua voz; ficara lá em dores e, no entanto, feliz. Mais de uma vez sentira-se magoado porque podia falar com Madalena Vermehren, que sempre caía, que o compreendia e que com ele ria e ficava séria, enquanto a loura Inge, mesmo quando estava sentada ao lado dele, sentia a distância que o separava dela, pois seu modo de falar não era o dela. E mesmo assim era feliz, pois a felicidade, dizia para si mesmo, não é ser amado; isto é uma satisfação misturada com asco para a vaidade. A felicidade é amar e talvez colher pequenas aproximações ilusórias da pessoa amada. E interiormente anotou este pensamento, expandiu-o e sentiu-o até o âmago.

“Fidelidade!”, pensava Tonio Kröger. “Quero ser fiel e amá-la, Ingeborg, enquanto eu viva!” Tão sincero era! No entanto, dentro dele, cochichava um leve medo e tristeza de que tinha esquecido por completo Hans Hansen, apesar de vê-lo diàriamente. E o feio e miserável era que esta voz, baixa e um pouco pérfida, tinha razão, pois que o tempo passava e dias viriam nos quais Tonio Kröger não mais estaria pronto a morrer, tão incondicionalmente, pela alegre Inge, porque sentia vontade e forças dentro de si para realizar, a seu modo, coisas extraordinárias no mundo.

E rodeava com cautela o altar de sacrifício onde ardia a casta chama do seu amor, ajoelhava-se em frente e atiçava-a e alimentava-a de todos os modos, porque queria ser fiel. E depois de algum tempo, todavia, imperceptivelmente, sem alarde e ruído, ela se apagou.

Mas Tonio Kröger ainda ficou por algum tempo em frente do altar frio, cheio de espanto e desilusão, porque a fidelidade era algo impossível no mundo.

Depois encolheu os ombros e seguiu o seu caminho.

Ele seguia o caminho que devia seguir, um pouco negligente e sem ritmo, assobiando, com a cabeça inclinada para o lado, olhando para a distância, e, quando errava o caminho, isto acontecia porque para alguns seres não existem caminhos certos. Quando lhe perguntavam o que pensava ser, dava informações contraditórias, pois que costumava dizer (e já tomara nota disto) que trazia em si possibilidades para mil existências, tendo no íntimo o conhecimento de, no fundo, serem tudo coisas impossíveis...

Já antes de deixar a cidade natal, as garras e os laços que a ela o prendiam tinham-se desprendido.

A velha família Kröger, pouco a pouco, caíra em estado de desmoronamento e dissolução, e as pessoas tinham razoes para também atribuir aos sinais desta situação o próprio gênio e os modos de Tonio Kröger.

A mãe de seu pai morrera, a cabeça da família, e pouco depois seguiu-lhe seu pai, aquele senhor alto, pensativo, que se vestia com cuidado e usava uma flor campestre na lapela. A grande casa dos Kröger, com sua respeitável história, estava à venda, e a firma extinta. A mãe de Tonio, porém, sua bela e fogosa mãe, que tocava tão maravilhosamente piano e bandolim, e a quem tudo era indiferente, casou-se novamente, depois de um ano, e por sinal com um músico, um virtuose com nome italiano ao qual seguiu para distâncias azuladas. Tonio Kröger achou isso um tanto desregrado; mas teria ele o direito de impedi-la? ele escrevia versos e nem sequer podia responder o que afinal pensava ser...



E deixou a angulosa cidade natal, onde o vento soprava em volta das esguias cumeeiras, deixou o repuxo e a velha nogueira do jardim, os íntimos de sua infância, deixou também o mar que tanto amava e não sentiu mágoa com isso. Pois tinha crescido e ficara inteligente, compreendera o que se passava com ele e estava cheio de escárnio pela existência grosseira e baixa que por tanto tempo o segurara no seu meio.

Ele se entregou completamente ao poder que lhe parecia o mais elevado deste mundo, para os serviços aos quais se sentia destinado e que lhe prometiam grandeza e honra, ao poder do espírito e da palavra, que, sorrindo, reina sobre o mundo instintivo e mudo. Com seu jovem entusiasmo dedicou-se a ele, e este retribuiu-lhe com tudo o que tinha para presentear, dele tomando em pagamento, implacàvelmente, tudo o que costuma exigir.

Aguçou o olhar, fazendo-o compenetrar-se das grandes palavras que enchem o peito do homem, descobriu-lhe as almas dos homens e a sua própria, deu-lhe clarividência e mostrou-lhe o fim que está atrás das palavras e atos. Mas o que ele via era isto: comicidade e miséria comicidade e miséria.

Então veio a solidão, com o tormento e o orgulho da cognição, porque não se sentia bem no círculo dos inocentes com a alma alegre e obscura e estes, por sua vez, sentiam-se perturbados pelo sinal na sua testa. Mas a alegria na palavra e nas formas se tornou cada vez mais doce para ele, pois costumava dizer (e já tomara nota disto) que o conhecimento da alma somente nos faria infalivelmente

tristonhos, se o contentamento da expressão não nos conservasse acordados e alegres...

Vivia em grandes cidades. no sul, na esperança de que o sol de lá desse um amadurecimento fértil à sua arte; talvez fosse o sangue de sua mãe que o atraísse para já. Mas como seu coração estava morto e sem amor, viu-se envolvido em aventuras carnais, desceu profundamente na sensualidade e pecado e sofria indescritivelmente com isto. Talvez fosse a herança de seu pai. do senhor comprido, pensador e bem vestido, corri a flor campestre na lapela, que o fizesse sofrer tanto lá embaixo, e às vezes, sentir uma fraca e saudosa lembrança, uma alegria de alma, que outrora fora dele e que não encontrava mais entre todas as voluptuosidades.

Um nojo e ódio contra os sentidos e uma sede de pureza e paz decente possuíram-no, apesar de respirar o ar da arte, aquele ar morno, doce e perfumado de uma eterna primavera, no qual pulsava, fermentava e brotava o secreto deleite de gerar. Assim, inconstante, um joguete entre fortes extremos, entre a férrea espiritualidade e a consumidora sensualidade, sob remorsos da consciência, foi induzido a levar uma vida extravagante, dissoluta e esquisita, que ele, Tonio Kröger, no fundo detestava. “Que labirinto!”, pensava às vezes. “Como foi possível envolver-me em todas estas aventuras? Eu não sou um cigano num carro verde, de casa...”

Mas, à medida que sua saúde foi enfraquecendo, sua veia artística foi aguçada, tornou-se difícil de contentar, superior, magnífico, fino, irritado contra a banalidade e altamente sensível em relação ao tato e ao gosto.

Quando foi notado pela primeira vez, fez-se ouvir, entre os que estavam interessados, muito aplauso e alegria, pois era uma obra ricamente trabalhada que apresentara, cheia de humor e conhecimento dos sofrimentos.

E rapidamente seu nome, aquele mesmo nome pelo qual era chamado com repreensão pelos professores, o mesmo com o qual assinara suas primeiras rimas a nogueira, ao repuxo e ao mar, este som composto do sul e do norte, este nome burguês, com ares exóticos, tornou-se uma fórmula que indicava excelência; pois à dolorosa minúcia de suas experiências se juntava uma rara, tenaz e ambiciosa atividade que, em luta com a irritante dificuldade de contentar o seu gosto, sob fortes tormentos, produziu obras fora do comum.

Não trabalhava como alguém que trabalha para viver, trabalhava como alguém que nada mais quer senão trabalhar, porque como ser vivente não se dava nenhum valor, só desejando ser considerado como criador, vagueando, de resto, em cinza e sem ser notado, como um ator sem sua maquilagem, que nada é enquanto não tem o que representar. Trabalhava silenciosamente, recolhido, invisível e cheio de desprezo pelos pequenos, para os quais o trabalho era um

enfeite sociável, os quais, fossem pobres ou ricos, se exibiam selvagens e rotos ou luxavam com gravatas pessoais, que em primeira linha intencionavam ser felizes, gentis e levar uma vida artística, desconhecendo que as boas obras só se formam sob a pressão de uma vida dura; que aquele que vive não trabalha e que é preciso ter morrido para ser um completo criador.

— Incomodo? — perguntou Tonio Kröger, no limiar do atelier. Segurava seu chapéu na mão e até se inclinava um pouco, apesar de Lisavieta Ivanovna ser sua amiga, a quem tudo contava.

— Tenha dó, Tonio Kröger, e entre sem cerimônias! — respondeu ela, com sua entonação saltitante.

— Todos sabem que teve uma boa educação e conhece boas maneiras. — Enquanto falava, enfiou o pincel na mão esquerda, junto à paleta, estendeu-lhe a direita e olhou para o rosto dele, rindo e sacudindo a cabeça.

— Sim, mas está trabalhando — disse. — Deixe-me ver...! Oh! você progrediu. — E observou, alternadamente, os desenhos coloridos que, inclinados sobre cadeiras, se encontravam de ambos os lados do cavalete, e a grande tela de linho coberta por uma teia quadrada de linhas sobre a qual, entre o confuso e espectral esboço de carvão, começavam a aparecer as primeiras manchas coloridas.

Isto se passava em Munique, num prédio de fundos da Rua Reling, a vários lances de escada do térreo.

Lá fora, atrás da janela com luz vinda do norte, dominava um céu azul. Um gorjeio de pássaros, raios solares e um doce e novo ar de primavera que entrava por um postigo aberto se misturavam ao cheiro do fixador e das tintas a óleo que enchiam o local de trabalho. — Desimpedida, a luz dourada da tarde clara inundava o extenso desadôrno do atelier; iluminava generosamente o assoa — lho um pouco danificado, a tosca mesa que ficava embaixo da janela, coberta de garrafinhas, tubos e pinceis e os estudos sem molduras nas paredes lisas; iluminado, o biombo de seda fendida que, próximo à porta, limitava um pequeno canto da sala de estar e quarto, mobiliado com gosto; iluminava a obra em andamento no cavalete, a pintora e o poeta na frente do mesmo.

Ela poderia ter a idade dele, isto é, um pouco além dos trinta. No seu avental azul-marinho e manchado, ela estava sentada num banquinho baixo e apoiava o queixo na mão. Seu cabelo, castanho, ligeiramente grisalho dos lados, com um penteado preso, cobria as têmporas em leves ondas, dando uma moldura para o seu rosto moreno, de formato eslavo, intensamente simpático com seu nariz arrebitado, com os ossos das maçãs do rosto bastante salientes e os pequenos olhos negros e brilhantes. Tensa, desconfiada e ao mesmo tempo irritada, ela observava, com um olhar de soslaio e apertado, o seu trabalho...

Ele estava em pé ao seu lado, com a mão direita apoiada na cintura e com a esquerda virando, apressada, o bigode. Suas sobrancelhas oblíquas faziam um movimento esforçado e carregado, enquanto assobiava baixinho, como de costume. Estava vestido com extremo cuidado e sobriedade, num terno cinza de corte discreto. Mas na testa sulcada, sobre a qual o cabelo escuro se partia tão simples e correto, notava-§e um estremecimento nervoso, e os traços sulinos de seu rosto já estavam. marcados, como que delineados e pronunciados por um lápis duro de lousa, apesar de sua boca apresentar contornos suaves e seu queixo ser delicado...

Depois de algum tempo passou a mão sobre a testa e os olhos, e virou-se.

— Não devia ter vindo — disse.

— Por que não devia, Tonio Kröger?

— Levantei-me há pouco do meu trabalho, Lisavieta, e a minha cabeça está como esta tela: um cavalete, um pálido esboço, sujo de correções e algumas manchas coloridas. Sim, e agora venho e vejo o mesmo. E também encontro de novo o conflito e o contraste que me atormentam em casa — disse ele, farejando o ar. — É estranho! Quando um pensamento nos domina, nós o encontramos expresso em todos os lugares, nós o cheiramos até no vento. Fixador e aroma de primavera, não é? Arte e — sim, que é a outra coisa? Não diga “natureza” —, Lisavieta, a “natureza” não é extenuante. Ah! Não!

Teria sido melhor eu dar um passeio, apesar de existir a dúvida de que me sentisse melhor ou não. Há cinco minutos, não longe daqui, encontrei um colega, Adalberto, o novelista. “Que vá para o inferno a primavera!”, disse, no seu modo agressivo. “É e continua a ser a mais horrível estação do ano! O senhor consegue apanhar um pensamento racional, Kröger, o senhor pode aprimorar, tranquilamente, o melhor chiste e efeito quando seu sangue formiga, de uma maneira indecente, e uma porção de sensações estranhas que o desassossegam, assim que as examina, se revelam como coisas decididamente triviais e completamente inúteis?

Quanto a mim, vou agora ao café. É uma região neutra, incólume à mudança da estação, sabe?, representa, por assim dizer, a esfera distante e elevada da literatura, na qual só se é capaz de ideias nobres...!” E ele foi ao café; e eu devia ter ido com ele, talvez.

Lisavieta divertiu-se.

— Essa é boa, Tonio Kröger. O dito do “formigar indecente” é bom. E de certo modo ele tem razão, porque não se consegue realizar nada de extraordinário na primavera. Mas agora preste atenção. Apesar de tudo, ainda vou fazer esta pequena coisa aqui, este pequeno chiste e efeito, como diria Adalberto. Depois vamos ao “salão”, e tomamos chá e você desabafa, pois vejo

perfeitamente que hoje está carregado. Até lá, acomode-se em algum lugar, naquele caixote, por exemplo, se não tiver receio pelo seu terno aristocrático...

— Ora, deixe-me em paz com ternos, Lisavieta Ivanovna! Deseja que eu ande com uma jaqueta rasgada de veludo ou use um colete de seda vermelha?

— Como artista sempre se é, interiormente, aventureiro suficiente. Exteriormente a gente deve vestir-se bem, diabo! e comportar-se como homem decente... Não, carregado não estou — disse ele, e observou-a preparar uma mistura na paleta. — Já ouviu que e somente um problema e um contraste que estão no meu pensamento e me perturbam no trabalho... Sim, de que estávamos falando agora mesmo? De Adalberto, o novelista, e que homem orgulhoso e firme ele é. “A primavera e a mais horrível estação do ano”, disse ele, e foi para o café. Deve-se saber o que se quer, não é verdade? Veja, também a mim a primavera põe nervoso, também a mim a encantadora trivialidade dos anseios e sentimentos que ela desperta me põe confuso; só que não consigo repreendê-la e desprezá-la por isso; pois acontece que me envergonho dela, envergonho-me de sua pura naturalidade e de sua triunfante mocidade. Não sei se devo invejar Adalberto ou menos — desprezá-lo, porque não entende nada disso... Trabalha-se mal na primavera, é certo, e por quê? Porque se sente. E porque é um ignorante aquele que acredita que o criador pode sentir. Todo verdadeiro e sincero artista sorri da ingenuidade deste engano charlatão; melancólico, talvez, mas sorri. Pois aquilo que se diz nunca deve ser o essencial, mas tão somente o material, indiferente em princípio, de que se compõe a criação estética numa leve e serena superioridade. Se der demasiado valor àquilo que tem a dizer, se o seu coração bater com calor demasiado por isso, pode estar certa de um completo fiasco. Você torna-se sentimental, algo de pesado, de sério-desajeitado, sem ironia, desgovernado, sem tempero, monótono, banal se forma sob suas mãos, e o fim é nada mais que indiferença por parte das pessoas, nada mais que desilusão e lamentação de sua parte... Pois, Lisavieta: o sentimento, o cálido e cordial sentimento é sempre banal e sem utilidade; artísticos são somente nossas irritações e os frios êxtases de nosso corrompido e artificioso sistema nervoso. É preciso que se seja algo fora da humanidade ou desumano, que se esteja para a humanidade numa relação estranhamente distante e indiferente, para ser-se capaz de interpretar ou mesmo sentir-se tentado a isso, interpretar para apresentar de modo efetivo e com gosto. O dom para o estilo, forma e expressão já pressupõe esta fria e descontente relação para com a humanidade. Pois o sentimento são e forte — isto está confirmado — não tem gosto. Morre o artista quando se torna homem e começa a sentir. Isto sabia Adalberto e por isso foi ao café, para a “esfera distante”, sim senhora!

— Então, que Deus esteja com ele, disse Lisavieta, e lavou as mãos numa bacia de folha. — Afinal, não precisa segui-lo.

— Não, Lisavieta, não o sigo, e unicamente porque, de vez em quando, sou capaz, de envergonhar-me da minha primavera de artista. Veja, de quando em quando, recebo cartas de mãos estranhas, elogios e agradecimentos de um dos meus leitores, mensagens admiráveis de pessoas emocionadas. Leio estas cartas e um enternecimento penetra-me, em face do cálido e acanhado sentimento humano que aqui minha arte despertou, uma espécie de pena apossa-se de mim, encarando o ingênuo entusiasmo que fala das linhas, e coro ao pensar quanto este sincero ser humano ficaria entibiado se desse uma olhadela atrás dos bastidores, quando sua inocência compreendesse um dia que um homem honrado, são e decente de maneira alguma escreve, representa, compõe... tudo isto não impedindo que utilize seu entusiasmo por meu gemo, a fim de enaltecer e estimular-me, que o tome muito a serio e que faça, além disso, a cara de um macaco que representa um grande homem... Ora, não me interrompa, Lisavieta! Eu lhe digo que muitas vezes me sinto cansado para morrer de representar o humano sem tomar parte do humano... O artista afinal é um homem? Que perguntem “à mulher” por sua opinião! A mim me parece que nós, artistas, todos partilhamos um pouco do destino daqueles meninos cantores... Cantamos com enternecente beleza. Todavia...

— Devia envergonhar-se um pouco, Tonio Kröger.

Venha agora tomar o seu chá. A água já vai ferver, e aqui há cigarros. O senhor parou no canto soprano; continue daí. Mas envergonhe-se. Se eu não soubesse com que paixão orgulhosa se dedica à sua profissão...

— Não fale em “profissão”, Lisavieta Ivanovna! A literatura não é profissão alguma, e sim uma maldição — que saiba disso. Quando é que começa a se fazer sentir esta maldição? Cedo, terrivelmente cedo. Em um tempo quando facilmente ainda se pode viver em paz c harmonia com Deus e o mundo. Você começa a se sentir marcada, num contraste misterioso para com os outros, os comuns, os cordeiros; o abismo da ironia, da descrença, da oposição, da cognição, do sentimento, que a separa dos homens, torna-se mais e mais profundo, está isolada e daí em diante não há mais entendimento. Que destino! Supondo que o coração esteja suficientemente vivo, e continuou suficientemente amoroso, e um sentimento horrível.... Sua consciência incendeia-se porque, entre milhares, sente a marca na sua testa, e percebe que a ninguém escapa. Conheci um ator genial que, como homem, tinha de lutar contra uma doentia timidez e inconstância. Seu sobre-excitado sentimento de personalidade unido à escassez de papéis, de tarefa representativa, causavam isto neste artista completo e homem empobrecido... Um artista, um verdadeiro artista, não um para quem a

arte é sua profissão civil, mas um predestinado e amaldiçoado, este você nota com pouca perspicácia entre a multidão. O sentimento de separação e estranheza, de saber-se reconhecido e observado, algo ao mesmo tempo régio e embaraçado, é notado em seu rosto, Nos traços de um duque que, em trajes civis, passa pela multidão, pode-se ver algo semelhante. Mas aqui não ajuda o civil, Lisavieta!. Ponha um disfarce, uma máscara, vista-se como um adido de embaixada ou um tenente da guarda em férias.

Mal precisa levantar os olhos e dizer uma palavra e todos saberão que você não é humana, mas algo estranho, admirável, diferente... Mas que é o artista? Perante nenhuma outra pergunta a comodidade e a preguiça de conhecimento da humanidade patentearam-se tão rígidas. “Isso é dom”, diz com humildade a boa gente que está sob efeitos de um artista, porque efeitos alegres e elevados, na sua opinião benévola, devem ser incondicionalmente também de origem alegre e elevada; ninguém. desconfia de que aqui talvez se trate de algo extremamente ruim, de um “dom” extremamente duvidoso... Sabemos que os artistas se sentem facilmente ofendidos — bem, também se sabe que com pessoas de boa consciência e de sólida personalidade, isto geralmente não se dá... Veja, Lisavieta, nutro contra o tipo de artista, no fundo de minha alma — em sentido figurado —, a inteira desconfiança que todos os meus honrados antepassados, na acanhada cidade, teriam demonstrado a qualquer saltimbanco e artista aventureiro. Ouça o seguinte. Conheço um banqueiro, um comerciante grisalho, que possui o dom de escrever novelas. Faz uso deste seu dom nas horas de folga e seus trabalhos são, às vezes, excelentes. Apesar — digo “apesar” — desta sublime disposição, este homem não é inteiramente honrado; ao contrario, já cumpriu uma grande sentença e por motivos decisivos. Sim, pode-se dizer que foi na prisão que reconheceu o seu dom e suas experiências como preso formariam a base fundamental de todas as suas produções. Poder-se-ia, com alguma. audácia, chegar à conclusão de que é preciso ter estado em alguma prisão para se tornar poeta. Mas não se impõe a suspeita de que suas experiências na prisão estivessem, intimamente, menos ligadas às raízes e origens de seu dom artístico, do que aquilo que o levou para lá? Um banqueiro que escreve novelas é raro, não é? Mas um banqueiro, honrado e respeitado e não-criminoso, que escreve novelas — isso não existe... Sim, está rindo agora. e, no entanto, só falo meio brincando.

Nenhum problema, nenhum neste mundo, é mais angustioso que o do dom artístico e seu efeito humano. Pegue a obra mais admirável do típico e, portanto, mais poderoso artista, pegue uma obra tão mórbida e pro— fundamente ambígua como Tristão e Isolda, e observe o efeito que esta obra tem sobre o homem jovem, são, com sentimentos fortes e normais. Verá elevação, fortificação, cálido

e honesto entusiasmo, talvez o impulso para pessoalmente criar algo “artístico”... O bom amador! Dentro de nós, artistas, a coisa é muito diferente do que ele, com seu “cálido coração” e “honesto entusiasmo” possa imaginar. Vi artistas adorados e aplaudidos frenèticamente por mulheres e rapazes, enquanto eu os conhecia... A gente faz, ao que se refere à origem, aos aspectos e às condições artísticas, sempre de novo, as mais estranhas descobertas...

— Nos outros, Tonio Kröger — desculpe —, ou não somente nos outros?

Ele calou-se. Franziu suas sobrancelhas oblíquas e assobiou.

— Peço que me dê sua xícara, Tonio. Não está forte. E tome um novo cigarro. De mais a mais, sabe muito bem que encara estas coisas como não precisam, necessàriamente, ser encaradas...

— Esta é a resposta de Horácio, querida Lisavieta. “Olhar assim as coisas, quer dizer, olhá-las com demasiada minúcia”, não é verdade?

— Eu digo que podem ser olhadas do mesmo modo de um outro prisma, Tonio Kröger. Sou apenas uma mulher boba que pinta, e se, ainda assim, sei replicar, se posso proteger um pouco a sua própria profissão, por certo não é nada de novo o que apresento, mas somente uma lembrança para o que você mesmo sabe muito bem... Bem: o efeito purificante e sanador da literatura, a destruição das paixões pela inteligência e pela palavra, a literatura como caminho para a compreensão. Para o perdão e o amor, o poder libertador da linguagem, o espírito literário como fator mais nobre do espírito humano, o literato como homem perfeito, como santo — encarar as coisas assim seria dizer não as encarar com suficiente precisão?

— Tem razão de falar assim, Lisavieta Ivanovna, em consideração, sem dúvida, às obras dos seus poetas, a adorável literatura russa, que de fato representa a santa literatura da qual você fala. Mas não deixei de prestar atenção às suas objeções, elas fazem parte do que está hoje no meu pensamento... Olhe para mim. Não estou com bom aspecto, não lhe parece? Um pouco velho, as linhas do rosto marcadas, um pouco cansado, não e verdade? Então, para voltar ao “reconhecimento”, assim se poderia imaginar um homem que, de nascença crente, meigo, benévolo e um pouco sentimental, seria simplesmente aniquilado pela clarividência psicológica. Não se deixar vencer pela tristeza do mundo; observar, perceber, mesmo a maior angústia, e estar de bom humor, sentindo-se absolutamente elevado sobre a abominável invenção do ser — sim., certamente! No entanto, apesar de todos os regozijos da expressão, a coisa toma conta de você. Tudo compreender quer dizer tudo perdoar? Não sei ao certo. Existe algo que eu chamo de nojo do conhecimento, Lisavieta. O estado no qual basta a um homem penetrar uma coisa para se sentir enojado a ponto de querer morrer (e sem nenhuma disposição para perdoar) é o caso de Hamlet, do dinamarquês,

desse literato típico. ele sabia o que era isto: ser destinado ao conhecimento sem ter nascido para isso. Divisar, ainda através do véu de lágrimas do sentimento, reconhecer, perceber, observar e, sorrindo, ter que pôr de lado o que observou, ainda no momento em que as mãos se entrelaçam, os lábios se encontram, onde o olhar humano, cego pela sensação, se quebra — é infame, Lisavieta, é vil, é revoltante... mas de que adianta revoltar-se? Um outro lado da coisa, não menos delicado, é certamente o fastio, a indiferença e o cansaço irônico contra toda a verdade; é um fato que em nenhuma parte do mundo sucede ser tão calado e sem esperança quanto no círculo de gente de espírito que já está calejado. Todo o conhecimento é velho e monótono. Diga uma verdade, pela conquista e posse da qual você sente uma espécie de alegria juvenil, e sua ilustração ordinária será respondida por um curtíssimo desprendimento de ar pelo nariz... Ah! sim, a literatura cansa,

Lisavieta! Numa sociedade humana pode acontecer que — isto lhe garanto —, de tanto ceticismo e abstinência de opinião, se seja considerado tolo, quando se é nada mais que orgulhoso e sem coragem... Isto, quanto ao "reconhecimento". Porém, quanto à "palavra", talvez aí se trate menos de uma libertação do que de uma conservação e congelação do sentimento. Falando sério, há uma circunstância gélida e revoltantemente presumida com esta conclusão rápida e supérflua do sentimento. Se o seu coração está cheio, se se sente demasiadamente emocionada com um acontecimento doce e elevado, nada mais simples! Vá a um literato e tudo será resolvido no menor espaço de tempo. ele analisará e formulará o seu assunto, dar-lhe-á um nome, expressá-lo-á e fará com que lhe diga algo.

Vai resolver e tornar tudo indiferente para você, por todo o tempo, e não aceitará agradecimentos. Você, porém, vai para casa aliviada, refrescada e esclarecida, e vai cismar o que havia no assunto, ainda há pouco, que podia, num tão doce tumulto, perturbá-la. E quer defender seriamente este frio charlatão? O que é expresso, assim reza o seu credo, está acabado. Se o mundo todo for expressado, então está acabado, libertado, posto de lado... Muito bem. Porém, eu não sou niilista...

— Você não é... — disse Lisavieta. Estava justamente segurando sua colherzinha com chá perto da boca e ficou paralisada nessa atitude.

— Pois bem... pois bem... volte a si, Lisavieta! Eu não o sou, digo-lhe em relação ao sentimento vivo. Veja, o literato, no fundo, não compreende que a vida pode continuar a viver, que não se envergonha disto, depois de, afinal, ter sido expressada e "terminada". Mas veja só, apesar de toda libertação, continua pecando sem parar, através da literatura; pois toda ação é pecado aos olhos do espírito. Cheguei ao termo, Lisavieta. Ouça-me. Amo a vida — isto é uma

confissão. Aceite-a e guarde-a — eu nunca a fiz a ninguém. Disseram, escreveram mesmo e fizeram imprimir que odeio, ou temo, ou desprezo, ou detesto a vida. Gostei de ouvi-lo, lisonjeou-me; mas nem por isso é menos falso. Amo a vida...

— Você sorri, Lisavieta, e sei a respeito de quê. Mas eu lhe imploro, não tome por literatura o que diz aí! Não pense em César Bórgia ou alguma filosofia ébria, que o ergueu sobre um pedestal! Nada significa para mim, a este César Bórgia não lhe dou o mínimo valor e jamais compreenderei como se pode venerar como ideal o extraordinário e o demoníaco. Não, a "vida", como se apresenta em eterno contraste ao espírito e à arte — não como visão de grandeza sangrenta e beleza selvagem, não como o extraordinário se apresenta a nós, extraordinários; porém, a normalidade, o decoro, a amabilidade é o reino de nossas saudades, é a vida na sua tentadora banalidade! Longe está de ser um artista, minha querida, cuja última e mais profunda exaltação é o requinte, o excêntrico, o satânico, que não conhece a saudade pelo inofensivo, simples e vivo, por um pouco de amizade, dedicação, intimidade e felicidade humana — a saudade secreta e consumidora, Lisavieta, pelas delícias do trivial!... Um amigo humano! Acredita que me tornaria orgulhoso e feliz de possuir um amigo entre os homens? Mas até então só tive amigos entre demônios, espíritos baixos e espectros mudos na sua ignorância, isto quer dizer: entre literatos. Às vezes me vejo num púlpito, encontro-me numa sala em frente de pessoas que vieram para ouvir-me. Veja, então acontece que me observo olhando em redor do público, descubro como secretamente passo os olhos no auditório, com a pergunta no coração: quem veio a mim, qual aplauso e agradecimento chega até a mim, com quem minha arte cria aqui uma união ideal... Não encontro o que procuro, Lisavieta. Encontro o rebanho e a congregação que conheço bem, uma reunião de primeiros cristãos, mais ou menos: pessoas com corpos desajeitados e almas finas, pessoas que sempre caem, por assim dizer, compreende? e para as quais a poesia é uma suave vingança contra a vida — sempre só sofredores e ansiosos, e pobres; nunca alguém dos outros, dos de olhos azuis, Lisavieta, que não necessitam do espírito! E, afinal, não seria uma triste falta de lógica alegrar-se, se fosse de outra maneira? É absurdo amar-se a vida e no entanto empenhar todos os artifícios em puxá-la para o nosso lado, conquistá-la para as sutilezas e melancolias e toda a doentia nobreza da literatura. O reino da arte cresce e o da saúde e inocência decresce sobre a terra. O que ainda sobra disto devia ser conservado com o maior zelo, e não se deve seduzir para a poesia aqueles que preferem ler livros sobre cavalos, com ilustrações! Por que afinal — que espetáculo seria mais lastimável do que o da vida quando tenta a arte? Nós, artistas, não desprezamos ninguém tão profundamente como o amador, o vivo,

aquele que por uma vez, ocasionalmente, pensa poder ser artista. Afianço-lhe, esta espécie de desprezo pertence às minhas pessoalíssimas experiências. Encontro-me numa reunião em casa de gente fina; come-se, bebe-se, conversa-se; há um entendimento perfeito; sinto-me alegre e ato de poder, por alguns momentos, desaparecer, como que fazendo parte deles, entre estas ingênuas e verdadeiras pessoas. Repentinamente (isto me aconteceu) ergue-se um oficial, um tenente, um homem belo e forte, o qual eu nunca julgaria capaz de um ato indigno de sua farda de honra, e pede, com palavras que não deixam dúvida, licença para nos apresentar uns versos que tinha composto. Dá-se, com um sorriso consternado, esta licença, e ele executa sua intenção, lendo de um pedaço de papel, que até então conservara escondi— do no seu paletó; era algo à música e ao amor, para encurtar, com tanto sentimento como sem efeito. Agora peço-lhe: um tenente! Um homem do mundo! ele de fato não teria necessidade... Bem, segue o que tem que seguir: rostos compridos, silêncio, uns poucos aplausos artificiais e profundo mal estar, em volta. O primeiro fato psíquico do qual me dou conta é o de que me sinto co-culpado na perturbação que este jovem irrefletido ocasionou à reunião; e não há dúvida: também a mim, no ofício de quem ele se havia metido, chegam olhares irônicos e surpresos. O segundo fato consiste em que este homem, perante o ser e a natureza do qual ainda há pouco tinha sentido o mais sincero respeito, repentinamente, desce aos meus olhos, desce, desce...

Possui-me uma benevolente compaixão. Acerco-me dele, como alguns outros senhores alentados e bondosos, e lhe dou boas palavras. “Meus parabéns”, digo, “senhor tenente! Que belo dom! Foi muito gracioso!” E pouco falta para eu dar-lhe uns tapinhas nas costas. Mas é benevolência o sentimento que se deve oferecer a um tenente?... Sua culpa! Ali estava ele, e penitenciava-se, com grande embaraço, pelo erro de pensar que se podia apanhar uma folhinha, uma única, do loureiro da arte, sem ter que pagar com sua vida. Não, neste caso prefiro o meu colega, o banqueiro criminoso... Mas não acha, Lisavieta, que hoje estou com uma loquacidade hamletiana?

— Terminou agora, Tonio Kröger?

— Não, mas não digo mais nada.

— Também, basta. Espera uma resposta?

— Tem alguma?

— Penso que sim. Dei-lhe bastante atenção, atrás, desde o começo até o fim, e quero dar-lhe a resposta que serve para tudo o que disse hoje de tarde, e que é a solução para o problema que o desassossega tanto. Bem! A solução é que você, assim como está sentado aí, é simplesmente um burguês.

— Sou? — perguntou ele, e afundou um pouco dentro de si mesmo...

— Não é? isto o atinge severamente, e assim deve ser. E por isso quero suavizar um pouco a sentença, pois isto posso fazer. Você é um burguês em caminhos errados, Tonio Kröger — um burguês errante.

Silêncio. Depois ele levantou-se decidido e apanhou o chapéu e a bengala.

— Eu lhe agradeço, Lisavieta Ivanovna, agora posso ir consoladamente para casa. Estou liquidado.

Lá pelo outono, Tonio Kröger disse para Lisavieta Ivanovna:

— Bem, eu agora vou viajar, Lisavieta; tenho de arejar-me, vou embora, vou procurar a distância.

— Como assim, paizinho, pretende ir novamente à Itália?

— Meu Deus! Deixe-me em paz com a Itália, Lisavieta! A minha indiferença pela Itália chega ao desprezo! Faz muito tempo que imaginei pertencer àquele lugar. Arte, não é? Céu azul veludoso, vinho quente e doce sensualidade... Em resumo, não gosto disso. Renuncio. Toda aquela beleza me põe nervoso. Também não gosto daquela gente lá de baixo, terrivelmente animada, com o escuro olhar de animal. Estes romanos não têm consciência no olhar... Não, vou agora um pouco para a Dinamarca.

— Para a Dinamarca?

— Sim. Espero boas coisas de lá. Por coincidência, nunca cheguei até lá em cima, apesar de, na minha juventude, estar tão perto da fronteira; no entanto, sempre conheci e amei aquele país. Esta inclinação nórdica deve vir do meu pai, pois minha mãe era mais pela beleza, até um certo ponto, pois de resto tudo lhe era indiferente. Mas veja os livros que lá são escritos, estes livros profundos, puros e humorísticos, Lisavieta — nada me diz mais, eu os amo. Veja as refeições escandinavas, estas refeições incomparáveis, que só suportamos num forte ar salino (nem sei se ainda as suporto) e que conheço um pouco de casa, pois se come assim na minha cidade natal. Veja também os nomes. Os nomes de batismo, com os quais a gente de lá é enfeitada, estes que também já existem muito, na minha cidade, um som como Irigeborg —, um toque de harpa de impecável poesia. E depois o mar — tem o mar Báltico — em cima... Em poucas palavras, sigo para lá, Lisavieta. Quero ver de novo o mar Báltico, quero ouvir outra vez esses nomes de batismo, ler aqueles livros no local; quero ficar no terraço de Kronberg, onde o espírito veio ter com Hamlet e trouxe miséria e morte sobre o pobre e nobre jovem...

— Como viajará, Tonio, se permite que indague? Qual o itinerário?

— O comum — disse ele encolhendo os ombros e enrubescendo visivelmente. — Sim, eu toco meu ponto de partida, Lisavieta, depois de treze anos, e isto pode ficar muito engraçado.

Ela sorriu.

— Era isto, o que eu queria ouvir, Tonio Kröger. Viaje com Deus. Não se esqueça de me escrever, ouviu? Prometo a mim mesma uma carta cheia de aventuras desta sua viagem para a Dinamarca...



E Tonio Kröger foi para o norte. Viajou com conforto (pois costumava dizer: “Alguém que interiormente tem uma vida tão mais difícil que outros tem direito de reivindicar um pouco de conforto exterior”) e não descansou enquanto não viu as torres da acanhada cidade de onde saíra erguerem-se no ar cinzento, à sua frente.

Ali teve uma curta e estranha estada...

Era uma tarde nebulosa, já caindo a noite, quando o trem entrou na estação estreita, enfumaçada e tão singularmente familiar; a fumaça continuava aglomerando-se embaixo do sujo teto de vidro e escoava em pedaços alongados para um e outro lado, como na ocasião em que Tonio Kröger, nada mais tendo no coração que ironia, saíra dali. Cuidou de sua bagagem, deu ordens para que fosse levada para o hotel.e deixou a estação.

Estas eram as carruagens da cidade, a dois cavalos, largas, pretas e excessivamente altas, enfileiradas — fora! Não tomou nenhuma; somente as olhou, como olhava tudo, as esguias cumeeiras e torres agudas que saudavam sobre os telhados mais próximos; a gente loura e descuidadamente desajeitada, com seu modo de falar largo e no entanto rápido, em volta dele; um riso nervoso, que tinha um secreto parentesco com soluço, começou a dominá-lo. Andou a pé, andou devagar, a pressão constante do vento úmido no rosto; passou a ponte, no parapeito da qual havia estátuas mitológicas, e seguiu por um trecho do porto.

Deus, como parecia tudo pequeno e anguloso! As ruas com as casas de cumeeiras esguias sempre tinham subido tão ridiculamente para a cidade? As chaminés e os mastros dos navios, sobre o rio turvo, balançavam levemente, ao vento e no crepúsculo. Devia subir aquela rua, a rua onde ficava a casa que estava em seu pensamento? Não, amanhã. Agora estava tão sonolento. Sua cabeça estava pesada da viagem e pensamentos lentos e vagos passavam por sua mente.

De vez em quando, durante estes treze anos, quando passava mal do estômago, sonhava que estava de novo em casa, naquela casa velha, ecoante, da rua inclinada; que seu pai também estava e ralhava com ele por causa do seu modo degenerado de vida, o que sempre achara muito justo. E o presente não se

diferenciava em nada das visões enganadoras e ilaceráveis do sonho, no qual nos perguntamos se isto é ilusão ou realidade, e, forçados pela convicção, nos decidimos pelo último, para, no fim de tudo, acordar... Andou pelas ruas pouco movimentadas, a cabeça inclinada contra o vento, e dirigiu-se como um sonâmbulo para o hotel, o primeiro da cidade, onde queria pernoitar. Um homem de pernas tortas, levando uma vara, com uma chama ardendo na ponta, andava num passo ondulante de marinheiro na frente dele e acendia os lampiões de gás.

Que havia com ele? Que era tudo isso que, embaixo da cinza do seu cansaço, sem tornar-se uma chama clara, abrasava tão obscuro e dolorido? Quieto, quieto, e nenhuma palavra! Nenhuma palavra! Teria gostado de andar assim por mais tempo, no vento, pelas ruas em crepúsculo quiméricas e familiares. Mas tudo era tão estreito e perto. Logo se chegava ao destino.

Na cidade alta havia lampiões em arcos e justamente começavam a acender-se. Ali estava o hotel e, deitados na sua frente, os dois leões pretos, dos quais sentira medo quando criança. Continuavam olhando um para o outro como querendo espirrar, mas pareciam ter diminuído desde aquele tempo. Tonio Kröger passou entre eles.

Como vinha a pé, foi recebido sem muitas cerimônias.

O porteiro e um senhor muito fino, vestido de preto, que fazia as honras da casa e que constantemente empurrava, com o dedo mínimo, os punhos de sua camisa para dentro da manga, observaram-no, atentos e especulando, dos pés à cabeça, visivelmente esforçados em qualificá-lo socialmente, acomodá-lo hierárquica e civilmente, e indicar-lhe um lugar no seu respeito, sem todavia chegarem a um resultado satisfatório, e por isso decidiram-se por uma cortesia moderada. Um garçom, homem suave de suíças ruivas, um fraque lustroso de velho e rosetas sobre os sapatos silenciosos, levou-o duas escadas acima para um quarto limpo e mobiliado à antiga, atrás de cuja janela se descortinava, no crepúsculo, uma vista pitoresca e medieval, sobre quintais, cumeeiras e os bizarros volumes das igrejas, nas proximidades da localização do hotel. Tonio Kröger ficou durante algum tempo em frente dessa janela; depois sentou-se, de braços cruzados, no largo sofá, franziu as sobrancelhas e assobiou.

Trouxeram luz e sua bagagem chegou. Ao mesmo tempo o humilde garçom colocou uma ficha na mesa e Tonio Kröger desenhou nela, de cabeça inclinada para o lado, algo que se parecia com nome, estado civil e procedência. Após isso pediu um pequeno jantar e continuou, do canto do sofá, a olhar para o nada. Não tocou na refeição depois de ela estar na sua frente por muito tempo; finalmente, comeu alguns bocados e andou no quarto, de um lado para o outro, parando de vez em quando e fechando os olhos. Depois despiu-se com movimentos lentos e foi para a cama.

Dormiu longamente e teve sonhos emaranhados e estranhamente saudosos.

Quando acordou, viu seu quarto iluminado pelo dia claro. Confuso e rápido, refletiu sobre onde estava e levantou-se para abrir as cortinas. O céu, já de um azul-pálido de fim de verão, estava coberto por farrapos de nuvens, desfeitas pelo vento, mas o sol batia sobre sua cidade natal.

Lavou-se e fez a barba com todo o cuidado, vestiu-se com mais apuro que habitualmente e preparou-se com tanto esmero como se estivesse para fazer uma visita cerimoniosa, onde seria necessário fazer uma impressão boa e irrepreensível; e, durante os movimentos de arrumar-se, escutava as angustiosas batidas do seu coração.

Como estava claro lá fora! Se, como ontem, o crepúsculo estivesse sobre as ruas, ter-se-ia sentido melhor; agora deveria ir, sob os olhares das pessoas, pelo claro brilho do sol. Encontraria conhecidos, fa-lo-iam parar, perguntariam como passara estes treze anos e teria que responder-lhes? Não, graças a Deus! Ninguém mais o conhecia e quem se lembrasse dele não o reconheceria, pois, de fato, mudara um pouco nesse meio tempo. Observou-se atentamente no espelho e, de repente, sentiu-se mais seguro atrás de sua máscara, atrás de um rosto marcado antes do tempo, que era mais velho que sua idade... Mandou vir o café e depois saiu, e, sob os olhares apreciativos do porteiro e do elegante homem de preto, passou pelo vestíbulo e entre os dois leões para a rua.

Para onde ia? Não o sabia. Era como ontem. Assim que se via próximo à mágica dignidade das cumeeiras, torrinhas, arcadas e poços, sentia de novo no rosto a pressão do vento, do vento forte que trazia um aroma delicado e acre de longínquos sonhos; então, como que um véu, uma teia de névoa se deitava sobre os seus sentidos... Os músculos de seu rosto distendiam-se; e com o olhar, que ficara calmo, observou a gente e as coisas. Talvez, naquela esquina da rua, ainda acordasse.

Para onde ia? Parecia-lhe que a direção que tomara tinha alguma relação com os sonhos tristes e estranhos durante a noite... Passando sob as abóbadas da câmara, foi para o mercado, onde os açougueiros, com as mãos ensanguentadas, pesavam suas mercadorias, na Praça do Mercado, com o poço gótico alto e de pontas agudas. Lá, parou em frente de uma casa estreita e simples como muitas outras, com uma cumeeira arqueada e rendilhada, e perdeu-se em devaneios. Leu o nome na placa da porta e deixou seus olhos descansarem um pouco em cada janela. Depois virou-se vagarosamente para afastar-se.

Para onde ia? Para casa. Mas tomou um caminho indireto, fez um passeio pelo portal da cidade, porque tinha tempo. Foi pelo Muehlenwall e Hollstenwall e segurou com força o seu chapéu contra o vento que soprava e rangia nas

árvores. Depois deixou os diques na proximidade da estação, observou um trem que passava bufando como tosca diligência, contou os vagões por divertimento e acenou para o homem que estava sentado no último carro, bem no alto. Mas no Largo das Tílias parou em frente de um dos bonitos palacetes que lá se encontravam, espiou o jardim e as janelas e, finalmente, acabou gingando o portão do jardim nos gonzos, fazendo-o ranger. Depois olhou por algum tempo a sua mão, que ficara fria e suja de ferrugem, e continuou seu caminho; andou pelo velho e baixo portal e pelo porto e subiu a íngreme e ventosa rua para a casa de seus pais.

Ela ficava metida entre as casas vizinhas, sua cumeeira dominando as outras, cinza e séria como há trezentos anos, e Tonio Kröger leu o aforismo religioso que estava, em letras quase apagadas, sobre a entrada.

Depois, tomando fôlego, entrou.

Seu coração batia angustiado, pois esperava ver seu pai sair de uma das portas do andar térreo, por onde passava; com o paletó que usava no escritório e a caneta atrás da orelha, esperava fazê-lo parar e interpelar com severidade o seu modo extravagante de viver, o que teria achado muito justo. Mas passou sem ser importunado. A porta de vaivém não estava fechada, somente encostada, o que lhe pareceu repreensível; sentiu-se, ao mesmo tempo, como nos sonhos mais leves quando os obstáculos se afastam por si e, protegidos por uma sorte milagrosa, conseguimos prosseguir sem dificuldade...

O largo vestíbulo, coberto com grandes azulejos quadrados, ecoava com os seus passos. Em frente à cozinha, onde havia silêncio, projetavam-se da parede, como antigamente, em apreciável altura, as estranhas e toscas porém limpas e laqueadas portas de madeira dos quartos de empregadas, que só podiam ser alcançadas do vestíbulo, por uma espécie de escada livre. Mas os grandes armários e os baús esculpidos não estavam mais nos seus lugares... O filho da casa subiu a imponente escada e apoiou sua mão no branco corrimão de madeira trabalhada, levantando-a a cada passo, recolocando-a de manso, no passo seguinte, como que tentando, timidamente, ver se lhe era possível restabelecer a antiga familiaridade com o velho e sólido corrimão... Mas no patamar parou em frente à entrada do primeiro andar. Presa à porta havia uma placa branca, na qual se lia em letras pretas: BIBLIOTECA PÒBLICA.

“Biblioteca Pública?”, pensou Tonio Kröger, pois achou que nem o público nem a literatura tinha algum direito de estar ali. Bateu na porta... Ouviu-se um “entre” e ele seguiu o convite. Curioso e aborrecido, observou uma modificação extremamente irreverente.

O andar consistia de três quartos comunicantes, cujas portas se achavam abertas. As paredes estavam cobertas, quase em toda a sua altura, com livros de

encadernação igual, enfileirados sobre estantes escuras. Em cada sala, sentado atrás de uma espécie de balcão, encontrava-se um homem modesto, escrevendo. Dois deles apenas viraram a cabeça na direção de Tonio Kröger, mas o primeiro levantou-se apressado e, apoiando-se com as duas mãos sobre o tampo da mesa, inclinou a cabeça para a frente, fez um bico com os lábios e levantou as sobrancelhas, encarando o visitante com os olhos piscando...

Desculpe — disse Tonio Kröger, sem tirar os olhos de todos aqueles livros —, sou estranho aqui, estou visitando a cidade. Esta então é a Biblioteca Pública? Daria licença para que eu desse uma olhada na coleção?

— Pois não! — disse o funcionário, e piscou com mais intensidade... — Certamente qualquer pessoa pode fazê-lo. O senhor apenas quer olhar... Deseja um catálogo?

— Obrigado — respondeu Tonio Kröger. — Eu me oriento com facilidade. — E com isto principiou a andar vagarosamente ao longo das paredes. Finalmente tirou um volume, abriu-o e ficou parado numa janela.

Aqui tinha sido a sala de almoço. Nesta sala tomavam a refeição matinal e não lá em cima, na grande sala de jantar, onde sobressaíam, da colgadura azul, brancas estátuas de deuses... Aquele ali tinha servido de dormitório. A mãe de seu pai morrera ali, sob lutas tremendas, apesar de sua idade, pois tinha sido uma dama da sociedade, ávida de prazeres, e tivera apego à vida. Mais tarde seu pai também dera ali o último suspiro, aquele senhor esguio, correto, um pouco melancólico e pensativo, com a flor do campo na lapela...

Tonio ficara sentado aos pés da cama mortuária, os olhos quentes, sincero e em completo abandono a um sentimento forte e mudo, ao amor e à dor. Também sua mãe estivera ajoelhada perto da cama, sua bela e fogosa mãe, totalmente desfeita em lágrimas ardentes; seguindo depois para distâncias azuis com o artista sulino... Mas lá atrás, o menor, o terceiro quarto, agora também cheio de livros vigiados por um modesto homem, durante muitos anos tinha sido seu. Para lá se dirigira quando voltava da escola, depois de fazer um passeio, como agora fizera: naquela parede estivera sua mesa., em cuja gaveta Guardara seus primeiros versos sentimentais e desamparados... A nogueira... Uma melancolia pungente fê-lo estremecer. Olhou de lado pela janela. O jardim estava em abandono, mas a velha nogueira estava no seu lugar, rangendo pesadamente e murmurando ao vento. E Tonio Kröger deixou seus olhos deslizarem de novo sobre o livro que tinha na mão, uma obra eminente muito conhecida por ele.

Olhou para as linhas pretas dos grupos de composição, seguiu uma parte do discurso artístico, como na formação da paisagem subia, para um chiste e uma ação e terminava com grande efeito...

— Sim, isto é bem feito — disse, colocou o livro no lugar e virou-se. Então viu que o funcionário, de pé e com uma expressão mista de diligência em servir e pensativa desconfiança, deixava seus olhos piscarem.

— Uma coleção excelente, como vejo — disse Tonio Kröger. — Já consegui formar um conceito. Eu sou-lhe muito grato. Adeus. — E com estas palavras saiu pela porta; mas era uma saída duvidosa, e sentiu nitidamente que o funcionário, cheio de preocupação sobre esta visita, ainda ficaria durante minutos em pé, piscando com os olhos.

Não sentiu nenhuma inclinação para ir além. Estivera em casa. Lá em cima, nos quartos grandes, atrás da colunata, moravam estranhos, isto via; pois o fim da escada estava fechado por uma porta de vidro, que não existira antes, e na qual havia uma placa com um nome qualquer. Saiu, descendo as escadas, passou pelo vestíbulo e deixou a casa paterna. Num canto de um restaurante, absorto, fez uma refeição substancial e depois voltou para o hotel.

— Terminei tudo — disse ao elegante senhor de preto. — Sigo hoje à tarde. — Pediu sua conta e um carro que devia levá-lo ao porto, onde tomaria o navio para Copenhague. Depois subiu para o quarto, sentou-se em frente à mesa, silencioso e ereto, apoiando a face na mão. olhando, com olhos que nada viam, para o tampo da mesa. Mais tarde pagou a conta e preparou suas coisas. Na hora marcada o carro foi anunciado e Tonio Kröger desceu, pronto para viajar.

Embaixo, ao pé da escada, o elegante senhor de preto esperava por ele.

— Desculpe! — disse, e empurrou com o dedo mínimo o punho da camisa para dentro da manga...

Peço desculpas, meu senhor, por ter que incomodá-lo por um minuto. O senhor Seehase — o proprietário do hotel — pede uma conferência de apenas duas palavras. Uma formalidade... Encontra-se lá atrás...

Quer ter a bondade de seguir-me?... É somente o Senhor Seehase, o proprietário do hotel.

E conduziu Tonio Kröger, com gestos convidativos, para o fundo do vestíbulo. Ali de fato se encontrava o Senhor Seehase. Tonio Kröger conhecia-o de vista, de velhos tempos. Era baixo, gordo, dê pernas tortas. Suas suíças aparadas tinham ficado brancas; mas continuava usando um colete de casaca, bem decotado, e um barrete bordado, de veludo verde.

Aliás, não estava só. Com ele, perto de uma pequena prateleira para escrever, presa na parede, estava um policial com o capacete na cabeça; sua mão direita, enluvada, descansava sobre um papel que estava na prateleira, encarando Tonio Kröger com seu rosto honesto de soldado, como se esperasse que este, ao dar com sua presença, desaparecesse no assoalho. Tonio Kröger olhou de um para outro e ficou esperando.

— O senhor vem de Munique? — perguntou finalmente o policial com voz bondosa e pesada.

Tonio Kröger confirmou.

— Viaja para Copenhague?

— Sim, estou de viagem para o balneário dinamarquês.

— Balneário? Bem, o senhor tem que mostrar os seus documentos — disse o policial, pronunciando a última palavra com especial satisfação.

Documentos... Não tinha documentos. Tirou sua carteira e olhou; mas, afora algumas notas de dinheiro, só havia a correção de uma novela, que pensara terminar no local do seu destino. Não gostava de lidar com funcionários e nunca tirara um passaporte...

— Sinto muito — disse ele —, mas não trago documentos comigo.

— Como? — disse o policial... — Nenhum? Como é seu nome?

Tonio Kröger deu a resposta.

— Isto é verdade? — perguntou o policial, esticando-se e abrindo, de repente, suas narinas o quanto pôde...

— Inteiramente verdade — respondeu Tonio Kröger.

— Qual é sua profissão?

Tonio Kröger engoliu em seco e disse sua profissão com voz firme. O Senhor Seehase ergueu a cabeça e, e olhou para o rosto dele com curiosidade.

— Hum! — disse o policial. — E o senhor declara não ter identidade com um indivíduo chamado... — Disse “indivíduo” e soletrou depois no papel rabiscado um nome complicado e romântico que parecia uma mistura aventurosa de varias raças e o qual Tonio Kröger, no momento seguinte, já esquecera. — O qual — continuou o policial —, de pais desconhecidos e de nacionalidade incerta, é procurado pela polícia de Munique, devido a varias fraudes e outros deslizes, e se encontra, provàvelmente, em fuga para a Dinamarca?

— Não, só declaro isto — disse Tonio, fazendo um movimento nervoso com os ombros. Isto fez uma certa impressão.

— Como? Ah! sim, pois bem! — disse o policial. Mas o senhor não pode apresentar nada!

Também o Senhor Seehase intercedeu.

— Isto tudo é uma formalidade — disse ele —, nada mais! Deve levar em consideração que o funcionário só cumpre com sua obrigação. Se o senhor pudesse identificar-se de alguma maneira... Um papel...

Todos silenciaram. Deveria acabar com tudo, dando-se a conhecer, dizendo ao Senhor Seehase que ele não era um aventureiro de nacionalidade incerta, não era de nascença um cigano num carro verde, e sim o filho do Cônsul Kröger, da família Kröger? Não, não tinha vontade para isso. E estes homens da

ordem pública não tinham um pouco de razão? De certo modo estava bem de acordo com eles... Encolheu — os ombros e continuou calado.

— Que tem aí? — perguntou o policial. — Aí, na carteira?

— Aqui? Nada. É uma prova — respondeu Tonio Kröger.

— Prova? Como assim? Deixe ver.

E Tonio Kröger entregou-lhe seu trabalho. O policial estendeu-o na prateleira e começou a ler. Também o Senhor Seehase chegou mais perto e tomou parte na leitura. Tonio Kröger olhou sobre os ombros deles e observou em que trecho estavam. Era uma parte boa, um chiste e uma ação, que tinha conseguido produzir com excelência. Estava satisfeito.

— Veja! — disse ele. — Aí está o meu nome. Eu escrevi isto e agora será publicado, compreende?

— Bem, isto basta! — disse o Senhor Seehase com firmeza. Juntou os papéis, dobrou-os e devolveu-os a ele. — Isto tem que bastar, Petersen! — repetiu conciso, fechando furtivamente os olhos e sacudindo a cabeça. — Não podemos atrasar mais este senhor. O carro está esperando. Peço que desculpe o pequeno incômodo, meu senhor. O funcionário só cumpria com seu dever, mas eu lhe disse logo que estava na pista errada.

“É?”, pensou Tonio Kröger.

O policial não parecia estar bem de acordo; ainda disse qualquer coisa de “indivíduo” e “apresentar..."

Mas o Senhor Seehase levou o seu hóspede de volta pelo vestíbulo, sob repetidas expressões de pesar, acompanhou-o, passando entre os dois leões, até o carro, e fechou ele mesmo a portinhola, demonstrando seu respeito. E depois, a ridiculamente alta e larga carruagem rolou aos solavancos, tilintante e barulhenta, pelas estreitas ruas abaixo até o porto...



Esta foi a estranha estada de Tonio Kröger em sua cidade natal.

A noite caíra e a lua já subia num flutuante brilho prateado, quando o navio de Tonio Kröger ganhou o mar. Envolvido no seu casaco contra o vento que aumentava mais, estava parado no gurupés e olhava para o escuro flutuar e para o movimento dos fortes e lisos corpos de ondas, lá embaixo, que cambaleavam uma ao redor da outra, e, encontrando-se, estalavam e dispersavam-se em direções inesperadas, para, repentinamente, espumando, relampejarem...

Um sentimento de silencioso encantamento possuiu-o. Estivera um pouco abatido, por quererem prendê-lo como aventureiro em sua cidade, sim — apesar de ter achado justo, de um certo modo. Mas depois, tendo embarcado no navio, tinha observado, como fizera as vezes em criança em companhia de seu pai, o embarque das mercadorias com as quais enchiam a funda barriga do navio, sob gritos que eram uma mistura de dinamarquês e dialeto alemão; tinha visto como além dos fardos e caixotes também desceram um urso polar e um tigre-real, em gaiolas com grades fortes, que por certo vinham de Hamburgo e destinavam-se ao jardim zoológico dinamarquês; e isto o distraíra.

Depois, enquanto o navio desceu entre as margens rasas do rio, esquecera por completo o interrogatório do policial Petersen, e tudo o que fora antes, seus doces e penitentes sonhos da noite, o passeio que fizera, o espetáculo da nogueira, tudo reavivou-se em sua alma. E, agora que o mar se abria, via de longe a praia na qual, quando menino, lhe fora permitido devanear os sonhos veranis do mar, via a incandescência do farol e as luzes do hotel balneário onde se hospedara com seus pais... O mar Báltico! Inclinou a cabeça contra o forte vento salino que vinha imperioso e livre, envolvia-lhe as orelhas e produzia-lhe uma leve tonteira, um surdo atordoamento no qual a lembrança de tudo o que era mau, de todos os tormentos e erros, de vontades e esforços, afundavam indolentes e felizes. E, neste zunir, estalar, espumar e gemer em volta dele, acreditou ouvir o ranger da velha nogueira, o guinchar de um portão de jardim... Escurecia mais e mais.

— As estrelas, meu Deus! Olhe só para estas estrelas — disse repentinamente, com entonação pesada e cantante, uma voz que parecia vir de dentro de um tonel. Já a conhecia. Pertencia a um homem ruivo, vestido com simplicidade, de pálpebras vermelhas e um aspecto úmido e frio, como se acabasse de tomar banho. Fora o vizinho de Tonio Kröger, durante o jantar na cabina, e havia consumido, com hesitação e movimentos modestos, porções espantosas de omelete de lagosta. Agora encostava-se ao lado dele na amurada e olhava para o céu segurando o queixo com o polegar e o indicador. Sem dúvida encontrava-se numa dessas disposições extraordinárias e festivas, nas quais as barreiras entre os homens caem, nas quais o coração também se abre para estranhos e a boca diz coisas que em outra ocasião, envergonhada, guardaria para si...

— Veja, senhor, aquelas estrelas. Ali estão elas brilhando; por Deus, o céu está repleto delas. Agora peço-lhe, quando se olha para cima e se pensa que muitas delas dizem ser cem vezes maiores que o mundo, como é que a gente se sente? Nós, homens, inventamos o telégrafo e o telefone e tantas outras aquisições da era moderna; sim, isto fizemos. Mas quando olhamos para cima é

preciso reconhecer e compreender que, no fundo, somos uns vermes, vermes miseráveis e nada mais — tenho razão ou não, senhor? Sim, somos uns vermes! — respondeu a si mesmo, e acenou com a cabeça, humilde e abatido, para o firmamento.

"Ai!... não, este não tem a literatura no corpo!", pensou Tonio Kröger. E daí a pouco lembrou-se de algo que tinha lido, a composição de um famoso escritor francês, sobre a cosmológica e psicológica maneira de encarar o mundo; tinha sido um palavreado muito fino.

Deu ao jovem uma resposta qualquer sobre sua observação profundamente sentida, e depois continuaram a falar enquanto olhavam a noite agitada, clara e movimentada, debruçados na amurada. Evidenciou-se ser o companheiro de viagem um jovem comerciante de Hamburgo, que aproveitava suas férias para esta viagem de recreio...

— Devia viajar um pouco de navio até Copenhague, pensei, e aqui estou, e até certo ponto tudo é bem bonito. Mas aquela omelete de lagosta não foi sensato, o senhor vai ver, pois a noite vai ser tempestuosa como o próprio comandante afirmou, e com uma comida tão pesada no estômago isto não é divertido...

Tonio Kröger ouviu toda esta afável tolice com um sentimento plácido e amigável.

— Sim — disse ele —, come-se pesado demais aqui em cima. Isto faz a gente preguiçosa e melancólica.

— Melancólico? — repetiu o jovem, e olhou-o espantado... — O senhor é estranho aqui? — perguntou repentinamente...

— Ah! sim, venho de longe! — respondeu Tonio Kröger, fazendo um gesto vago com o braço, encerrando o assunto.

— Mas o senhor tem razão — disse o jovem. — Deus sabe que o senhor tem razão, no que disse da melancolia! Eu sou quase sempre melancólico, mas especialmente em noites como esta, quando as estrelas estão no céu. — E apoiou de novo o seu queixo com o polegar e o indicador.

"Na certa escreve versos", pensou Tonio Kröger, profundos, honestos, versos de comerciante..."

A noite adiantou-se e o vento ficara agora tão forte que impedia a palestra. Assim, resolveram dormir um pouco e desejaram-se uma boa noite.

Tonio Kröger estendeu-se no estreito beliche de sua cabina, mas não encontrou sossego. O vento rígido, com seu aroma acre, tinha-o agitado estranhamente, e seu coração estava inquieto como se em angustiosa expectativa de algo doce. Também o estremecer, que se dava quando o navio descia uma

montanha de onda e a hélice, como em cãibra, trabalhava fora da água, lhe causava mal-estar. Vestiu-se de novo e subiu para o ar livre.

Nuvens corriam em frente da lua. O mar dançava.

As vagas não vinham redondas nem uniformes, nem tampouco em ordem seguida, mas lá ao longe, numa luz pálida e faiscante, o mar era rompido, açoitado, lambia e pulava com pontas de línguas gigantescas e chamejantes, jogava, ao lado de abismos repletos de espuma, formas dentadas e inverossímeis, e parecia atirar em louco folguedo, com a força de braços monstruosos, as escumas pelo ar, em todas as direções.

O navio fazia uma viagem difícil; pateando, sacudindo e gemendo, forçava seu caminho pelo tumulto; e, às vezes, ouvia-se o urso polar e o tigre, que sofriam com o mar agitado, gritarem no seu interior. Um homem com um impermeável, um capuz sobre a cabeça e uma lanterna amarrada na cintura passava com as pernas abertas, equilibrando-se com dificuldade, para lá e para cá, no convés. Mas, lá atrás, muito inclinado sobre a amurada, estava o jovem de Hamburgo, e passava mal. — Deus! — disse com voz oca e instável, quando percebeu Tonio Kröger —, veja só a rebelião dos elementos, senhor! — Mas aí foi interrompido e, com rapidez, virou-se.

Tonio Kröger segurou-se numa corda esticada e olhou para toda aquela travessura indomável. Sentiu um júbilo dentro de si e pareceu-lhe ser suficientemente poderoso para ser ouvido através da tempestade e do dilúvio. Um canto ao mar, inspirado de amor, soava dentro dele. “Amigo selvagem de minha infância, mais uma vez estamos reunidos...” Mas aí terminava o poema. Não tinha um fim, não tinha formas e não fora forjado em tranquilidade. Seu coração vivia...

Ficou longo tempo assim parado; depois estirou-se sobre um banco na frente das cabinas e olhou para o céu, no qual cintilavam as estrelas. Chegou mesmo a cochilar. E quando a espuma fria salpicava o seu rosto parecia-lhe, na sonolência, uma carícia.

Rochas de greda, fantásticas no luar, apareceram e se aproximaram, isto era a ilha Moen. E de novo o sono interveio, interrompido por chuviscos de espuma que lhe espetavam o rosto e lhe deixavam os traços fisionômicos entesados...

Quando acordou completamente já era dia, um dia cinza-claro, fresco, e o mar verde estava mais calmo.

Na hora da primeira refeição, viu novamente o jovem comerciante, que corou violentamente, com certeza de vergonha por ter dito, na escuridão, coisas tão poéticas e comprometedoras; alisou, com todos os cinco dedos, seu pequeno

bigode avermelhado, e gritou-lhe um bom dia militar e curto, evitando-o, depois, assustado.



E Tonio Kröger desembarcou na Dinamarca. Chegou a Copenhague, deu gorjeta a todos os que insinuavam ter direito a ela, passeou durante três dias na cidade, tendo como ponto de partida o seu hotel, segurando na mão seu guia turístico aberto em sua frente; conduziu-se como um estrangeiro distinto que deseja aumentar seus conhecimentos. Observou o Neumarkt do rei com o "cavalo" no centro, olhou com respeito para os pilares da Frauenkirche, parou longo tempo em frente das nobres e graciosas esculturas de Thorwaldsen, subiu à Torre Redonda, visitou castelos, divertiu-se duas noites no Tívoli. Mas, realmente, não era bem tudo isso o que via.

Nas casas, que muitas vezes tinham exatamente a aparência das velhas casas de sua cidade natal, com cumeeiras arqueadas e rendilhadas, via nomes que lhe eram familiares de velhos tempos, que lhe pareciam indicar algo delicado e, precioso e ao mesmo tempo uma espécie de repreensão, encerrando queixas e saudades.

E por toda parte, enquanto respirava, vagaroso e pensativo, o úmido ar marinho, via olhos tão azuis, cabelos tão louros, rostos precisamente daquele tipo que vira nos seus sonhos estranhamente dolorosos e penitentes, os quais tivera na noite que passara em sua cidade natal. Acontecia que, em plena rua, um olhar, o som de uma palavra, um riso, o atingiam profundamente...

Não tolerou ficar por muito tempo na alegre cidade.

Sentia uma inquietação, doce e tola, meio lembrança e meio expectativa, unida ao desejo de estender-se nalguma praia silenciosa e não precisar fingir-se de turista interessado. Assim, embarcou de novo e seguiu num dia triste (o mar estava negro) para o norte, ao longe da costa da Zelândia, para Helsingör. De lá continuou sua viagem, sem demora, por carro e pela estrada, durante mais três quartos de hora, sempre um pouco acima do mar, parando por fim no seu destino propriamente, no pequeno hotel balneário com venezianas verdes que ficava no meio de uma vila de casinhas baixas, o qual olhava, com sua torre coberta de madeira, sobre o estreito e a costa sueca. Aqui desceu, tomou posse do quarto claro, que tinham reservado para ele, encheu a cômoda e o armário com coisas que trouxera e preparou-se para viver durante algum tempo neste lugar.

Já o mês de setembro se aproximava, não havia mais muitos hóspedes em Aalsgaard. Na grande sala de jantar com o vigamento à vista, no rés-do-chão, cujas janelas altas davam para a varanda envidraçada e o mar, a dona do hotel, uma solteirona com cabelos brancos, olhos incolores, faces delicadamente rosadas e uma voz chilreante, presidia às refeições, sempre procurando colocar, de modo vantajoso, suas mãos vermelhas sobre a toalha. Um senhor de idade, de pescoço curto, com uma barba encanecida e o rosto azulado, estava presente, um peixeiro da capital que dominava a língua alemã. Parecia totalmente entupido e com tendência para a apoplexia, pois sua respiração era curta e aos arrancos e, de vez em quando, levava o dedo indicador, no qual usava um anel, a uma das narinas, a fim de apertá-la, e, com um sopro forte, dar um pouco de ar a outra. Mesmo assim, era muito dado à garrafa de Aquavit, tanto na primeira refeição como no almoço e no jantar. Além dele só estavam presentes três altos rapazes americanos com seu governante ou preceptor, que em silêncio ficava ajustando seus óculos e durante o dia jogava futebol com eles. Traziam o cabelo, vermelho-amarelado, repartido ao meio, e possuíam rostos compridos e parados. — Please, give me the wurst things there!* — dizia um deles. — That's not wurst, thos schinken!* — dizia o outro, e isto era tudo o que eles ou o preceptor traziam como contribuição para a palestra; de resto, ficavam calados e bebiam água quente. *[*— Por favor, passe-me essa linguiça aí. — Não é linguiça, é presunto.*]

Tonio Kröger não desejara outra espécie de companheiros na mesa. Desfrutava sua paz, escutava os sons guturais e as vogais claras e turvas vogais da língua dinamarquesa, na qual, às vezes, conversavam o peixeiro e a hoteleira. De vez em quando trocava umas palavras com o peixeiro sobre o barômetro e depois se levantava para, pela varanda, ir de novo à praia, onde já passara longas horas de manhã.

Lá, às vezes, era quieto e veranil. O mar descansava preguiçoso e liso, com listras azuis, verdes e avermelhadas, cobertas de reflexos argênteos de luz cintilante; a sargaça se tornava feno ao calor do sol e os moluscos, deitados ali, evaporavam. Cheirava um pouco a podre e um pouco a alcatrão, do barco de pesca, onde Tonio Kröger, sentado na areia, encostava-se, sentado de tal maneira que via o horizonte livre e não a costa sueca; mas o silencioso sopro do mar passava por tudo, limpo e fresco.

E vieram dias tristes e tempestuosos. As ondas inclinavam a crista como touros que colocam os chifres para o ataque, e corriam enraivecidas contra a praia, que ficava inundada até bem em cima e coberta com algas brilhantes de umidade, conchas e pedaços de madeira trazidos pelo mar.

Entre as extensas colinas de ondas, alastravam-se vales de um verde-pálido espumante, sob o céu coberto; mas lá, onde o sol brilhava atrás das nuvens, a água ostentava um brilho de veludo branco.

Tonio Kröger estava parado, envolvido pelo vento e pelo bramido, mergulhado nesse eterno, pesado e atordoante ruído que ele tanto amava. Se se voltava e ia embora, parecia-lhe repentinamente tudo calmo e cálido em volta dele. Mas, sabia, nas costas havia o mar que chamava, negaceando e cumprimentando.

E ele sorria.

Andou pelo campo, sobre prados, pela solidão, e logo o faial, estendendo-se pelas colinas da vizinhança, envolvia-o. Sentava-se no musgo, encostado a uma arvore, de maneira a divisar, entre os troncos, uma faixa do mar que soava como se, ao longe, tábuas caíssem umas sobre as outras. Gritos de gralhas nas copas das árvores, roucos, solitários e perdidos... Segurava um livro sobre os joelhos, mas não lia uma linha. Desfrutava um esquecimento profundo, um flutuar desprendido sobre o espaço e o tempo, e só de vez em quando era como se o seu coração fosse traspassado por uma dor, um pesar curto, agudo, de saudade ou arrependimento, sobre cuja designação e procedência ele se sentia demasiado indolente e absorto para indagar.

Assim passaram-se muitos dias; não seria capaz de dizer quantos, nem o desejava saber. Mas então veio um, no qual algo aconteceu; aconteceu enquanto o sol estava no céu e gente ao redor, e Tonio Kröger nem sequer ficou muito admirado.

Já o princípio desse dia fora festivo e encantador.

Tonio Kröger acordou muito cedo e repentinamente, despertou com um susto indefinido do sono e acreditou olhar para um milagre, um feérico encantamento de iluminação. Seu quarto, com uma porta de vidro para o balcão que dava para o estreito, separado por uma fina e branca cortina de gaze em quarto de dormir e estar, era forrado com uma tapeçaria de cores delicadas e guarnecido de móveis leves e claros, de maneira a dar sempre um aspecto límpido e alegre. Agora, porém, seus olhos, carregados de sono, viam-no em uma transfiguração e iluminação sobrenatural, imerso num indizível tom róseo, gracioso e perfumado, que dourava as paredes e os móveis e transformava a cortina de gaze em brasa vermelha... Tonio Kröger por muito tempo não compreendeu o que se passava. Mas, quando ficou em frente à porta de vidro e olhou para fora, viu que era o sol que nascia.

Durante vários dias o tempo estivera coberto e chuvoso; agora, o céu estendia-se brilhante sobre o mar e a terra, como feito de uma seda encorpada, azul-pálido e atravessado e rodeado por nuvens translúcidas de vermelho e ouro;

o disco solar levantava-se solene sobre o mar cintilante e crespo, que parecia estremecer e inflamar-se embaixo dele... Assim começou o dia e Tonio Kröger vestiu-se com rapidez, perturbado e feliz; tomou sua primeira refeição antes dos outros, na varanda do andar térreo; nadou depois um trecho, da pequena casa de banho de madeira para o estreito, e fez um passeio de uma hora pela praia. Quando voltou, estavam parados na frente do hotel vários carros de turistas, e viu, da sala de jantar, que tanto na sala de reuniões, onde ficava o piano, como na varanda envidraçada e no terraço que ficava em frente, havia um grande número de pessoas que, trajando como gente da classe média e sentadas em volta das mesas redondas em palestras animadas, deleitavam-se com cerveja e sanduíches. Eram famílias inteiras, gente velha e moça e até algumas crianças.

Durante a segunda refeição (a mesa estava carregada de frios, defumados, salgados e assados), Tonio Kröger informou-se do que se passava.

— Hóspedes — disse o peixeiro. — Visitantes de Helsingör! Sim, Deus nos proteja! não conseguiremos dormir esta noite! Haverá baile, baile e música, e devemos temer que isto dure até tarde. É uma reunião de famílias, reunião e um passeio por terra, em poucas palavras: uma subscrição ou coisa parecida, e estão aproveitando o belo dia. Vieram em barcos e carros e agora estão fazendo uma refeição. Mais tarde darão um passeio mais longe por terra, mas voltarão à noite e então haverá diversões aqui no salão. Sim, maldição, não fecharemos um olho...

— Isto é uma bonita variação — disse Tonio Kröger. Após o que, por longo tempo, nada foi dito. A hoteleira arrumava seus dedos vermelhos, o peixeiro soprava pela narina direita para obter um pouco de ar e os americanos tomavam água quente e faziam caras compridas.

Foi então que, de repente, isto aconteceu: Hans Hansen e Ingeborg Holm atravessaram a sala.

Tonio Kröger, encostado em sua cadeira, num cansaço agradável depois do banho e do célere passeio, comia salmão sobre torradas; sentava virado para a varanda e o mar. Repentinamente abriu-se a porta e os dois entraram de mãos dadas, com passos lentos e sem pressa. Ingeborg, a loura Inge, estava vestida de claro, como costumava estar nas aulas de dança do Senhor Knaak. O vestido leve, estampado, só atingia os tornozelos, e sobre os ombros usava um enfeite de tule branco, largo, com decote em “V” que deixava livre seu pescoço macio e flexível. O chapéu pendia, amarrado pelos laços, do seu braço. Ela talvez estivesse mais crescida que antes e usava sua bela trança em volta da cabeça; mas Hans continuava o mesmo.

Usava seu paletó de marinheiro com botões dourados, sobre o qual ficava, por cima dos ombros e das costas, o largo colarinho azul; o chapéu de

marinheiro, com fitas curtas, ele segurava-o na mão pendente, gingando-o, despreocupado, de um lado para outro, Ingeborg mantinha seus olhos oblíquos desviados, talvez um pouco encabulada com os hóspedes que a olhavam.

Mas Hans Hansen, justamente por isso e a despeito do mundo, virou a cabeça para a mesa de refeições e observou, com seus olhos azul-ferrête, um após outro com desafio e, de certo modo, com desprezo; até largou a mão de Ingeborg e gingou mais ainda o seu chapéu, para mostrar que homem era. Assim passaram, o calmo mar azulado como fundo, pelos olhos de Tonio Kröger, atravessaram a sala em toda a sua extensão e desapareceram pela porta oposta, na sala do piano.

Isto se deu às 11 e meia da manhã, e, enquanto os banhistas ainda estavam fazendo suas refeições, o grupo na sala ao lado e na varanda, puseram-se a caminho, sem que ninguém tivesse voltado à sala de jantar, pela saída lateral existente no hotel. Ouviu-se como, sob gracejos e risos, eram ocupados os carros, como um veículo atrás do outro se pôs em movimento, rangendo na estrada e afastando-se...

— Quer dizer que voltam? — perguntou Tonio Kröger...

— Isso farão! — disse o peixeiro. — E que Deus nos proteja! Encomendaram música, sabe, e eu durmo aqui em cima do salão.

— Isto é uma bonita variação — repetiu Tonio Kröger. Depois levantou-se e saiu.

Passou o dia como passara os outros, na praia e no bosque, segurava um livro sobre os joelhos e pestanejava para o sol. Só tinha um pensamento: este que voltariam e realizariam um baile no salão, como prometera o peixeiro; e nada fazia senão alegrar-se com isso, com uma alegria tão temerosa e doce como durante longos e mortos anos não experimentara, Uma vez, por uma ligação qualquer de imaginações, lembrou-se de um conhecido distante, Adalberto, o novelista, que sabia o que queria e que fora ao café para fugir ao ar da primavera. E encolheu os ombros sobre ele...

Almoçaram mais cedo que habitualmente e o jantar também foi servido antes e na sala do piano, porque na sala de jantar já estavam fazendo os preparativos para o baile: de uma maneira tão festiva, foi tudo posto em desordem. Depois, quando já escurecera e Tonio Kröger estava sentado no seu quarto, houve de novo movimento na estrada e na casa. Os excursionistas voltavam; sim, da direção de Helsingör vieram novos hóspedes, de bicicletas e de carro, e já se ouvia, no andar térreo da casa, o afinar de um violino e o treino nasal de um clarinete... Tudo prometia que seria um brilhante baile.

Agora a pequena orquestra principiava com uma marcha: abafado e em compasso firme, o som subia até ele. Tonio Kröger continuou por algum tempo

sentado, quieto, escutando. Mas, quando ouviu que a marcha passara para uma valsa, levantou-se e saiu sorrateiramente de seu quarto.

Do corredor, onde aquele estava situado, indo por uma escada de serviço, chegava-se à entrada lateral do hotel e, de lá, sem passar por nenhum cômodo, para a varanda envidraçada. Tomou este caminho, silencioso e sorrateiro, como se estivesse em caminhos proibidos; tateou com cuidado pela escuridão, irresistivelmente atraído por essa tola e encantadora música cujos sons agora já o alcançavam, claros e altos.

A varanda estava vazia e escura, mas a porta de vidro da sala, onde as duas grandes lâmpadas de petróleo, guarnecidas de lustrosos refletores, resplandeciam.

Estava aberta. Para lá se dirigiu sem fazer ruído e o gosto ladino de ficar no escuro sem ser visto, poder observar os que dançavam à luz, produziu-lhe um arrepiar da pele. Rápido e ávido, dirigiu seu olhar para os dois que procurava...

A alegria da festa já parecia desenrolar-se livremente, apesar de ter começado há menos de uma hora, mas todos já haviam chegado aquecidos e emotivos, depois de passarem o dia juntos, despreocupados e felizes na coletividade. Na sala do piano, que Tonio Kröger podia abranger com os olhos quando ousava avançar um pouco, vários cavalheiros idosos se haviam reunido, fumando e bebendo, para jogar cartas; outros sentavam-se com suas esposas na parte anterior da sala, em cadeiras de pelúcia enfileiradas ao longo da parede, e apreciavam o baile. Mantinham as mãos sobre os joelhos escarranchados e enchiam as bochechas com uma expressão de opulência, enquanto as mães, de chapeuzinho na cabeça, cruzavam as mãos embaixo do seio, e olhavam, de cabeça inclinada, a algazarra dos jovens. Tinham armado um estrado ao longo de uma das paredes e lá os músicos davam o que tinham de melhor.

Até uma corneta estava lá, e soprava com certa cautela, como se temesse sua própria voz; mesmo assim, ela constantemente quebrava e tropeçava... Flutuando e girando, os pares moviam-se, enquanto os outros passeavam pela sala de braço dado. Não estavam vestidos a rigor, mas somente como para um domingo veranil que se passa ao ar livre: os cavalheiros, em ternos de corte provinciano, que denotavam serem poupados durante a semana, as moças em vestidos claros e leves, com apanhados de flores campestres na blusa.

Também algumas crianças estavam na sala, dançando a seu modo, mesmo quando a música descansava. Um homem pernilongo, com paletó parecendo um rabo de andorinha, um Dom Juan provinciano de monóculo e cabelos encrespados a ferro, um assistente do correio ou coisa parecida, e como a encarnação de uma figura cômica de um romance dinamarquês, parecia ser o organizador e dirigente do baile. Solícito, transpirando e entregue de corpo e

alma à sua tarefa, estava em todos os lugares ao mesmo tempo, saracoteava pela sala, superativo, pisando artisticamente com as pontas dos dedos, colocando os pés, metidos em bicudas e lisas botinas militares, de uma maneira intricada, cruzando-os um sobre o outro; atirava os braços para o ar, dava ordens, chamava pela música, batia palmas, e, com tudo isto, as fitas do grande laço colorido, que, em sinal de sua dignidade, estava preso ao seu ombro, e para onde de vez em quando virava carinhosamente a cabeça, voavam atrás dele.

Sim, ali estavam os dois, que hoje na luz do sol passaram por Tonio Kröger, e ele os viu novamente, assustando-se de alegria quando viu ambos quase ao mesmo tempo. Aqui estava Hans Hansen, que, bem perto dele, próximo à porta, as pernas afastadas e ligeiramente inclinado para a frente, comia, circunspecto, um grande pedaço de torta, mantendo a mão em concha por baixo do queixo para apanhar as migalhas. E lá na parede sentava-se Ingeborg Holm, a loura Inge, e neste instante o assistente saracoteava em sua direção, a fim de convidá-la para dançar, fazendo uma excelente mesura, colocando uma mão nas costas e impelindo a outra graciosamente no peito. Mas ela sacudiu a cabeça e fê-lo ver que estava sem fôlego e precisava descansar, após o que o assistente sentou-se ao lado dela.

Tonio Kröger observou os dois pelos quais sofrera as penas de amor: Hans e Ingeborg. Não eram eles, tanto devido a sinais particulares e à semelhança das roupas, mas por força da igualdade de raça e tipo, este espécime claro, de olhos azul-ferrête e louros, que evocava uma ideia de pureza, serenidade, jovialidade e uma reserva intocável, ao mesmo tempo orgulhosa e simples... Observou-os, viu Hans Hansen, tão audacioso e belo como outrora, largo nos ombros e fino na cintura, em pé no seu terno de marinheiro; viu como Ingeborg, de uma certa maneira travessa, virou a cabeça de lado, de um certo modo levou a mão, não muito delgada nem especialmente fina e pequena mão de moça, à nuca, movimento este que fez a manga leve deslizar pelo cotovelo — e de repente uma saudade abalou seu peito com tal dor que involuntàriamente retrocedeu mais para a escuridão, a fim de que ninguém visse o estremecimento de seu rosto, “Eu esquecera vocês?”, perguntou. “Não, nunca!

Não a você, Hans, nem a você, loura Inge! Foi para vocês que trabalhei, e, quando ouvia aplausos, olhava sorrateiro ao redor de mim, a ver se vocês faziam parte deles... Você agora leu Dom Carlos, Hans Hansen, como prometera no portão do jardim de sua casa? Não o faça!

Não o exijo mais de você. Que lhe importa o rei que chora porque está só? Você não deve fazer com que os seus olhos fiquem tristes e tolos de sonhos, por fixá-los nos versos e na melancolia... Ser como você!

Recomeçar, crescer, igual a você, honrado, alegre e simples, metódico e ordenado e em concordância com Deus e o mundo, ser amado pelos inofensivos e felizes, tomar você por esposa, Ingeborg Holm, e ter um filho como você, Hans Hansen, viver livre da maldição do conhecimento e do suplício criador, amar e louvar em bem-aventurada trivialidade!... Começar mais uma vez? Mas não adiantaria. Tornaria a ser o mesmo, tudo viria de novo como viera. Pois alguns, por necessidade, seguem caminhos errados, porque para eles não existe, de maneira alguma, um caminho certo."

Agora a música silenciara; era um intervalo e foram servidos refrescos. O assistente apressou-se pessoalmente com uma bandeja repleta de salada de arenques e serviu as damas. Mas em frente de Ingeborg Holm chegou mesmo a curvar um joelho ao estender-lhe uma tigelinha, e ela corou de alegria.

Na sala começaram, todavia, a dar atenção ao espectador sob o umbral da porta de vidro, e, de rostos bonitos e corados, atingiram-no olhares estranhos e perscrutadores; mas ele ficou firme no seu lugar. Também Ingeborg e Hans passaram os olhos sobre ele, quase que ao mesmo tempo, com aquela completa indiferença que chega a assemelhar-se ao desprezo. Repentinamente, no entanto, teve consciência de que de alguma parte um olhar se dirigia para ele. e pousava nele...

Virou a cabeça e imediatamente seus olhos encontraram aqueles cujo tato sentira. Uma moça em pé, não longe dele, com um pálido, fino e delicado rosto, que já notara antes. Não dançara muito, os cavalheiros não se tinham esforçado singularmente por ela, e ele a vira, isolada, com os severos lábios fechados, sentada perto da parede. Também agora se achava só. Estava com um vestido claro e vaporoso, como as outras, mas por baixo da fazenda transparente apareciam seus ombros nus, agudos e pobres, e o pescoço magro ficava tão fundo entre esses míseros ombros que a moça silenciosa quase parecia um pouco aleijada. Segurava suas mãos, cobertas por luvas tênues, em frente ao peito, de modo que as pontas dos dedos se tocavam de leve. De cabeça inclinada, olhava para Tonio Kröger de baixo para cima com olhos negros e úmidos. ele desviou os olhos...

Ali, bem perto dele, sentavam Hans e Ingeborg.

Hans sentara-se ao lado dela; talvez fosse sua irmã.

Rodeados por outros seres humanos de faces coradas, comiam e bebiam, palravam e se divertiam, gritavam com vozes sonorosas provocações e riam alto para o ar. Não poderia aproximar-se um pouco deles? Dirigir a ele ou a ela um gracejo que lhe ocorreu e a que deveriam responder ao menos com um sorriso? Torná-lo-ia feliz, ansiava por isso; voltaria depois satisfeito para o seu quarto,

com a certeza de ter estabelecido uma pequena afinidade com os dois. Imaginou o que poderia dizer; mas não encontrou coragem de dizê-lo.

E seria como sempre: eles não o compreenderiam, escutariam estranhando o que conseguiria dizer. Pois a língua que falava não era a deles.

As danças pareciam recomeçar. O assistente desdobrou uma atividade envolvente. Ia de um lado ao outro e convidava todos a escolherem seus pares; tirou, auxiliado pelo garçom, cadeiras e copos do caminho, deu ordens aos músicos; guiou alguns mais acanhados que não sabiam para onde ir. Que pretendia? Cada quatro pares formavam uma quadra... uma terrível lembrança fez Tonio Kröger corar. Dançariam uma quadrilha.

A música começou e os pares, cumprimentando-se, cruzavam-se. O assistente comandava, e comandava — por Deus! — em francês, pronunciando os sons nasais de um modo incomparàvelmente distinto. Ingeborg Holm dançava bem junto a Tonio Kröger, na quadra que se encontrava perto da porta de vidro. Ela inovia-se em sua frente para lá e para cá, para a frente e para trás, andando e girando; um aroma, que vinha do seu cabelo ou da delicada fazenda de seu vestido, tocava-o de vez em quando, e ele fechou os olhos, numa emoção que lhe era tão familiar de outros tempos, cujo aroma e encanto acre-doce ele sentira nestes últimos dias e que agora nele penetrava de novo com todo seu doce tormento. Que era? Saudade, carinho? Inveja? Desprezo por si mesmo?... Moulinet des dames! “Você ria, loura Inge, ria de mim quando dancei moulinet e fiz uma figura tão triste? E será que você ainda haveria de rir hoje, agora que afinal tornei-me algo como um homem célebre? Sim, isto você faria e teria três vezes razão! E se eu, eu sozinho, tivesse consumado as Nove Sinfonias [*de Beethoven*], O Mundo Como Vontade e Representação [*de Schopenhauer*] e o Juízo Final [*de Michelangelo, na Capela Sistina*], você teria eternamente razão de rir...” Olhou para ela e lembrou-se de uma linha de um verso do qual não se recordava há tanto tempo e que, no entanto, lhe era tão íntimo e ligado: “Eu quero dormir e você precisa dançar”. ele a conhecia tão bem, a nórdica e melancólica, afetiva e inábil lentidão do sentimento, que interpretava. Dormir...

Ansiar por isso, poder viver simples e completamente entregue ao sentimento, que, sem o dever de tornar-se ação e dança, doce e indolente, descansa em si mesmo, e, apesar disso, dançar, ágil e de espírito presente, desempenhar a difícil, difícil e perigosa dança da faca da art, sem nunca esquecer por completo o humilhante paradoxo que ele continha, ter que dançar, amando...

De repente tudo virou em movimento louco e em alegria desenfreada. As quadras se dissolveram e, pulando e deslizando, dispersavam para todos os lados: terminavam a quadrilha com um galope. Os pares passaram voando, ao

delirante e ligeiro compasso da musica, por Tonio Kröger, pegando, correndo, ultrapassando-se, com gargalhadas curtas e sem fôlego. Um par aproximou-se, arrastado pela corrida geral, rodopiando e avançando em doida rapidez. A moça tinha um rosto fino e pálido e ombros magros, demasiado altos. Subitamente, bem em sua frente, começaram a tropeçar, escorregar e cair... A pálida moça caiu.

Caiu com tanta força que isso se afigurava perigoso, e com ela caíra o cavalheiro. Este devia ter-se machucado tanto que esqueceu, por completo, a sua parceira, pois, ao tentar levantar-se, começou, fazendo caretas, a esfregar os joelhos com as mãos, e a moça, parecendo inteiramente atordoada pela queda, continuava deitada no chão. Então Tonio Kröger adiantou-se, pegou-a delicadamente pelos braços e ergueu-a. Esfalfada, confusa e infeliz, levantou os olhos para ele e de repente seu delicado rosto corou com um pálido vermelho.

— Tak! O mange Tak!* — disse ela, levantando para ele seus olhos escuros e úmidos. [**Obrigada! Oh! muito obrigada!*]

— Não devia dançar mais, senhorita — disse, suave.

Depois procurou-os mais uma vez com o olhar, Hans e Ingeborg; foi embora, deixou a varanda e o baile e subiu para o seu quarto.

Estava embriagado pela festa em que não tomara parte. Como outrora, fora bem como outrora! Com o rosto afogueado, ficara em pé num lugar escuro, em tormentos por vocês, louros, vivos, felizes, e depois, solitário, afastara-se. Alguém deveria vir! Ingeborg deveria vir, deveria perceber que ele se ausentara, deveria segui-lo às escondidas, colocar a mão sobre seu ombro e dizer: “Entre e junte-se a nós! Seja alegre!

Eu amo você!...” Mas ela não vinha, de maneira alguma. Estas coisas não aconteciam. Sim, era como naquele tempo e era feliz como naquele tempo. Pois seu coração vivia. Mas o que se passara durante o tempo no qual se tornara o que era hoje? Torpor, solidão, gelo; e espírito! e arte!...

Despiu-se, deitou-se e apagou a luz. Murmurou dois nomes dentro do travesseiro, estas poucas, castas, nórdicas sílabas, que designavam sua verdadeira e primor— dial espécie de amor, sofrimento e felicidade, a vida, o sentimento simples e terno, a p-tria. Olhou para trás, para os anos que haviam passado até aquele momento.

Pensou nas dissolutas aventuras sensuais, dos nervos e dos pensamentos que tinha vivido, viu-se corroído pela ironia e pelo espírito, isolado e tolhido pelo reconhecimento, meio destruído por febres e calafrios de criação, indeciso e em luta com a consciência, entre fortes extremos, atirado de um lado para outro, entre a santidade e o cio, finório, empobrecido, esgotado por frias e artificiais

exaltações, perdido, consumido, atormentado, doente... — e soluçou de arrependimento e saudade.

Em seu redor, tudo estava silencioso. Mas, lá de baixo, soava, abafado e embalante, o doce e trivial companheiro da vida.

Tonio Kröger estava sentado, escrevendo do norte para Lisavieta Ivanovna, sua amiga, conforme prometera:

“Querida Lisavieta, lá embaixo, em Arcádia, para onde em breve voltarei. escrevia. “Aqui está então algo parecido com uma carta, mas talvez a decepcione, pois penso escrever em termos gerais. Não que eu não tivesse alguma coisa para contar, ou, a meu modo, não passasse por uma outra experiência. Lá em casa, em minha cidade natal, até quiseram prender-me... mas isto ouvirá pessoalmente. Há dias em que eu prefiro dizer, de uma maneira boa, generalidades, em vez de contar histórias.

"Lembra-se ainda, Lisavieta, de que um dia me chamou de burguês, um burguês errante? Assim me chamou numa hora na qual, persuadido por outras confidências que deixara escapar antes, confessei-lhe meu amor para o que eu chamo de vida; e pergunto-me se você sabia quão perto atingira a verdade, e quanto minha burguesia e meu amor pela ‘vida’ são idênticos.

"Esta viagem me deu o ensejo de pensar sobre isso...

"Meu pai, sabe, era de um temperamento nórdico: considerado, minucioso, correto, por puritanismo inclinado à melancolia; minha mãe, de indistinto sangue exótico, bonita, sensual, ingênua, ao mesmo tempo displicente e apaixonada e de um desmazelo impulsivo.

"Sem duvida alguma, foi esta uma mistura que encerrava extraordinárias possibilidades e extraordinários perigos.

"O resultado foi este: um burguês que se perdeu na arte, um boêmio que sentia saudades da boa educação, um com a consciência pesada. Pois a minha consciência burguesa é que me faz ver em toda arte, todo extraordinário e todo gênio algo profundamente ambíguo, profundamente difamado, profundamente duvidoso, o que me enche desta amorosa fraqueza para o simples, singelo e agradável anormal, o não genial e decente.

“Estou entre dois mundos; não me sinto à vontade em nenhum dos dois e por isso tenho um pouco de dificuldade. Vocês, artistas, me chamam de burguês, e os burgueses sentem-se tentados a prender-me... não sei qual dos dois me magoa mais. Os burgueses são bobos. Vocês, adoradores da beleza, porém, que me dizem ser eu fleumático e sem saudades, deviam imaginar um dom artístico tão profundo e tão do princípio e do destino, que nenhuma saudade lhe pareça ser mais doce e digna de ser sentida do que aquela pelas delícias da trivialidade.

“Admiro os soberbos e frios que se aventuram nos caminhos das grandes, das demoníacas belezas, e desprezam o ‘homem’ — mas não os invejo. Pois se alguma coisa é capaz de fazer de um literato um poeta, então é este meu amor burguês pela humanidade, pela vida e pelas coisas comuns. Todo calor, toda bondade, todo humor vêm dele, e quer-me parecer que seja ele aquele amor do qual está escrito que alguém poderia falar com língua humana angelical e, no entanto, sem ele nada mais ser que um bronze soante e guizo sonoro.

“O que fiz é nada, não muito, quase nada. Farei coisa melhor, Lisavieta — isto é uma promessa. Enquanto escrevo, o mar murmura até aqui e eu fecho os olhos. Olho para um mundo inato, quimérico, que quer ser ordenado e culto; olho para um formigar de sombras com aspecto humano que acenam para mim, a fim de que as esconjure e liberte: sombras trágicas e cômicas e algumas as duas coisas ao mesmo tempo — e a estas sou muito dedicado. Mas o meu amor mais sentido e secreto pertence aos louros e de olhos azuis aos vivos claros, aos felizes, gentis e comuns.

“Não repreenda este amor, Lisavieta; ele é bom e fértil. Contém saudade e uma inveja melancólica, um pouquinho de desprezo e uma felicidade de absoluta pureza”.

FIM